



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S164f Salgueiro, Malu
Força, foco e fé: memória Instituição Bethesda / Malu Salgueiro. –
Joinville, SC: Areia, 2020.
108 p

ISBN 978-85-68703-74-8.

1. Instituição Bethesda – História. 2. Instituições de assistência social – Joinville (SC). 3. Hospitais e instituições correlatas – Joinville (SC). I. Título.

CDD 362.11

Ficha Catalográfica elaborada pela bibliotecária Rafaela Ghacham Desiderato
CRB 14/1437

Malu Salgueiro



FORÇA, FOCO E FÉ

Memória Instituição Bethesda



1ª Edição

Editora Areia
Joinville-SC
2020



***Sobrevivência e
crescimento de uma
instituição filantrópica
e de assistência social
preponderante na área
da saúde.***



Quando não há caminho, faça um

Esta é uma história de resiliência e obstinação. Aliás, de inúmeras pessoas que superaram seus limites de entrega de serviço ao próximo e dedicação ao trabalho.

Grandes lições que as próximas páginas revelam em breves pinceladas pelos depoimentos de alguns dos pioneiros que marcaram a história da Instituição Bethesda e de colaboradores contemporâneos.

Uma homenagem a todos os servidores do passado e os do presente. E um presente para as próximas gerações.

Joinville, dezembro de 2019

***Uma saga memorável
de amor ao próximo
em três capítulos***

- ***Residencial Bethesda***
- ***Hospital Bethesda***
- ***Centro de Educação Infantil***





Foto Denilson Eduardo Silveira

The image shows the entrance to a residential complex. A large, dark brown tiled roof covers the entrance area. Below the roof, a sign reads "Residencial Wohnheim Bethesda" in white, stylized lettering. The building is two stories high, with a light-colored facade and dark brown shutters on the windows. The ground floor features three large, arched openings framed in red brick. The central archway is the main entrance, where a person is walking. To the left of the central arch, there is a balcony with a white balustrade and two potted plants. The number "450" is visible on the wall above the central arch. The entrance is flanked by two brick pillars, each with a small lantern-style light fixture. The foreground is paved with grey bricks. The background shows lush green trees and a clear sky.

Residencial Wohnheim Bethesda

Residencial Bethesda
85 anos - 16 de dezembro de 1934



Hospital Bethesda
50 anos - 5 de outubro de 1969







Centro de Educação Infantil
20 anos - 2 de agosto de 1999

CENTRO
EDUCA
INFANT



Bethesda

*Deriva de duas palavras da língua hebraica: **beth ou beit** = casa e **chessed** = bondade, misericórdia. Significa, portanto, casa da misericórdia e bondade divina.*





Agradecimentos

Créditos em agradecimento pelo empréstimo de acervo pessoal de fotos históricas

- *Asta da Silva*
- *Cíntia Brüske*
- *Clovis Seefeldt*
- *Cristiane Gilgen*
- *Décio Krelling*
- *Gisela Burger*
- *Elenice Karnopp*
- *Elke Leme*
- *Hans Burger*
- *Ilusca Funke*
- *Marilda Langebartels*
- *Marli Brüske*
- *Patrícia Leal*
- *Regina Krause*

Destaque para fotografias gentilmente cedidas pelo Arquivo Histórico, em nome de Gabriel Pavesi Goudard, pela presteza e excelência no atendimento.

Ficha técnica

*Pesquisa histórica, entrevistas, redação, seleção de fotos de acervos e coordenação editorial: **Malu Salgueiro***

*Edição e revisão: **Jura Arruda - Editora Areia***

*Projeto gráfico, diagramação e tratamento de imagens: **Michelline Mões***

*Fotografias: **Jonathan Batista e acervos pessoais***

*Impressão: **Gráfica Impressul***

*Pesquisa e indicação de fontes para entrevistas: **Asta da Silva, Clovis Seefeldt, Cristiane Gilgen, Elenice Karnopp e Sabrina Mendes***

*Digitalização de fotos: **Fernanda Aline Stoffel e Michelline Mões***

*Coordenação geral do Projeto Memória Bethesda: **Clovis Seefeldt***

Prefacio

Tributo à superação

É uma longa história de superação de dificuldades. E uma grande história de abnegação, de amor ao próximo, resgatada por uma seleção de fotos e depoimentos possíveis de algumas personalidades constantes desta obra memorial.

Como todo começo sempre árduo, os desafios eram imensos. Só possível de serem superados graças a muita garra forjada na persistência e resistência à adversidade por parte dos pioneiros, embalados pelo sentimento de união, de uma grande família de colaboradores que acabou se formando naturalmente.

Mas sua luta não foi em vão. Lá se vão 85 anos de história do Residencial de Idosos, 50 do Hospital e 20 do Centro de Educação Infantil documentada nas próximas páginas de forma bastante resumida.

Um tributo singelo diante do grande esforço desses desbravadores da Saúde e Assistência Social em Joinville, representando uma legião de devotados anônimos que arregaçaram as mangas e lutaram do jeito que podiam para zelar pelo bem-estar de idosos e da comunidade nos primórdios da Instituição.

Fiquem com a nossa gratidão eterna e que seu legado de humanização acima de tudo permaneça para sempre como inspiração para as gerações futuras.

Valmir Sebastião Brüske
Presidente
Instituição Bethesda

Nota da autora

Aulas de escutatória

Foram tantas as lições de vida capturadas em dezenas de horas das 50 entrevistas realizadas, que não seria possível expressar em poucas páginas tantas lembranças emocionantes de dores, alegrias, frustrações e muita superação. São aprendizados que se carrega na alma como parte do ofício de perguntador.

Ao longo da história de cada um, a vida nos ensina a sermos seres humanos melhores. Por isso, este trabalho é uma verdadeira relíquia que a Instituição Bethesda entrega para a comunidade e da qual tenho a honra de participar no levantamento e organização das fontes, entrevistas e edição.

Como jornalista, foi um exercício profissional e tanto, ouvindo as pessoas com a humilde consciência de um aprendiz de arqueólogo, que não passou das arranhaduras da história, tendo ainda muito o que se escavar para aprendizado dos contemporâneos que, com esta obra, podem aproveitar para resgatar a principal lição dos pioneiros: trabalhar com amor ao próximo.

Amor foi uma palavra que surgiu na maioria dos depoimentos, dos antigos e dos atuais, muitos com emoção transbordante em algumas lágrimas aqui e ali. E é com esse sentimento que este livro é dedicado a todas as pessoas que, de alguma forma, sempre contribuíram para a sobrevivência e evolução da Instituição.

Malu Salgueiro
*Assessora de Comunicação Social
Instituição Bethesda*

Agradecimiento

Gratidão aos ausentes

Reconhecemos que são inúmeras as pessoas que mereciam ser entrevistadas para este livro histórico. Colaboradores anônimos que o tempo esqueceu, mas cuja força de trabalho e dedicação deixam um legado indelével.

Contudo, fatores como falta de acesso, indisponibilidade, necessidade de seleção e tempo hábil para a publicação são questões sempre limitantes de qualquer obra memorial.

Este livro é um reconhecimento a todos vocês que, mesmo eventualmente ausentes das próximas páginas, deixaram e deixam sua marca para que a Instituição Bethesda continue fazendo história.

Directoria

Corpo diretivo ao longo da história

Conselhos Administrativos da Instituição Bethesda*

Tudo começa no início da década de 1930 com o seguinte grupo de trabalho formado com o objetivo de criar um lar para pessoas idosas, liderado pelo pastor Wilhelm Dommel, líder da Paróquia Dona Francisca, de Pirabeiraba:

- ***Alfred Erzinger***
- ***Franz Eberhardt***
- ***Gustav Witt***
- ***Oscar Eberhardt***
- ***Ricard Schroeder***
- ***Rudolf Hübener***
- ***Wilhelm Dommel***
- ***Wilhelm Merckle***

** Há várias divergências de grafia dos nomes em documentos diferentes*

Estatuto de 1935*

O primeiro estatuto registrado em cartório nomina como fundadores os seguintes membros das comunidades que formavam a Paróquia Dona Francisca:

- ***Adolf Hardt***
- ***Adolf Vogelsanger***
- ***Alex Retzlaff***
- ***Guilherme Merckle***
- ***Gustav Witt***
- ***Heinrich Bruscke***
- ***Jacob Froehlich***
- ***Max Dressel***
- ***Max Wöhl***
- ***Otto Mews***
- ***Ricardo Schroeder***
- ***Rudolf Holz***
- ***Rudolf Hübener***
- ***Wilhelm Dommel***

** Há várias divergências de grafia dos nomes em documentos diferentes*

A DELEGACIA DE POLICIA E A IMPRENSA

Do sr. Mineiro Rolt, delegado especial da policia, sobre a imprensa, em 15 de junho de 1935.

Minha prezada Cidadã,
Tendo de examinar, na proximidade das eleições municipais de 1935, a situação da imprensa em Joinville, não posso deixar de fazer, por intermédio das vossas publicações locais, que tanto dignificam a sociedade da imprensa e tanto honram a cultura do município, agradecer profundamente a simpatia e o apoio que sempre me foi prestado e de certo modo me encorajam a fazer, na atual situação, a qual, se não tem sido de modo a todos os efeitos, tem no entanto apresentado no campo da imprensa, dentro do segundo distrito da Lei.

Para os meus leitores confrades da imprensa, vou também, e muito especialmente, os presentes leitores de vossa publicação e espero naturalmente pelas informações contidas nas notícias que me são dirigidas, vossa colaboração com o presente estímulo.

Se das notícias que me habilito a publicar, não se derem a impressão de que eu não sou um homem de mais elevado e de mais elevado nível intelectual, não me considero satisfeito.

A todos os meus leitores e amigos presentes e futuros, minha cordial saudação do Sr. Rolt, delegado especial da policia, muito afetuosamente.

Mineiro Rolt
Delegado Especial

Que moleques!

Moleques, como depois das horas de noite, alguns moleques, cuja idade variava entre 12 a 15 annos, entraram a dizer graças pesadas a uma senhora que passava pela rua de Príncipe, abraçado no peito do deitar ao chão e boies que via mudando!

Uma pobre moça, assustada, não pôde fazer nada, pois que estava a abrigar-se numa casa, telephonica immediatamente para a policia, esta, porém, não atendeu ao chamado.

Os moleques, depois de fazer a obra, dirigiram-se a "Mossão", onde se dispersaram, pouco depois.

VIDA SOCIAL

ANIVERSARIO

FAZEM ANNI

A sympah Orthodoxa Far...
— O sr. Fr...
— A sr. S...
— O sr. L...
— O sr. G...
— O sr. G...
— O sr. G...
— O sr. G...
— O sr. G...

PARA O MATRIMONIO

Arrebatada

O filho do presidente da China



Prisão de autores de um rapto

WASHINGTON — Foram presos, em Salt Lake City, por ordem do Departamento da Justiça, o sr. e a sr. Royal Waley, notórios do norte do estado de Utah, responsáveis pelo sequestro de James Weyerhaeuser.

De arrebatado, em companhia de seu filho, foram detidos no momento em que procuravam fugir, pagando pelo rapto da vítima do rapto.

Padaria Dietrich

SUA PRINCIPAIS MARCAS: 10
Pagam suas encomendas de pão, doces, tortas e biscoitos sociais e de Pastaria.
Serão atendidas com a maior pontualidade e a satisfação.

Festa em Barra Velha

No domingo, 16 do corrente, haverá em Barra Velha a tradicional festa da Santíssima Trindade.

No soltanto, na ilha local de marul, para ali seguir o caminho que conduzir ao mar.

No domingo, 23 de junho de amanhã, seguirá outra em ilha.

As crianças para a celebração do arborado podem ser educadas com os seus irmãos, em Barra Velha, e Josenias Rodrigues, e para o dia seguinte com o sr. Nazario Schmitt.

Prisão de autores de um rapto

WASHINGTON — Foram presos, em Salt Lake City, por ordem do Departamento da Justiça, o sr. e a sr. Royal Waley, notórios do norte do estado de Utah, responsáveis pelo sequestro de James Weyerhaeuser.

De arrebatado, em companhia de seu filho, foram detidos no momento em que procuravam fugir, pagando pelo rapto da vítima do rapto.

Padaria Dietrich

SUA PRINCIPAIS MARCAS: 10
Pagam suas encomendas de pão, doces, tortas e biscoitos sociais e de Pastaria.
Serão atendidas com a maior pontualidade e a satisfação.

er noticia do acordo firmado para paz no Chaco, o povo deu mostras de grandes multidão popular percorreu ideias paraguaya, argentina orasi- ra e uruguaya.

JOINVILLE

15 de Junho de 1935

ENDERICO H. SCHWARTZ End. Telog. "Jornal" Phone. 444

Companhia Hambroesa Sul Americana

Hamburg

Silberbach

Companhia Hambroesa Sul Americana

VAPORADO MONTAGUE A VILLO COMBUSTIVEL

O seu serviço de transporte de passageiros e cargas sempre foi e sempre será o melhor, devido ao seu equipamento moderno e a sua segurança.

Principales rotas de SÃO FRANCISCO DO SUL para HAMBURGO

via Santos, Rio de Janeiro, Bahia, Los Pelones, Lajes e Vigo

1) via Santos, Rio de Janeiro, Pernambuco, Madras, Lajes, Vigo, Hamburgo via

M. S. "General San Martin"	26.4
M. S. "General Artigas"	20.700
M. S. "General San Martin"	39.90
M. S. "General O'Quinn"	29.1630

Sistema rotativo de SÃO FRANCISCO DO SUL para HAMBURGO ATRÉS

via Rio Grande e Montevideo

M. S. "General San Martin"	16.420
M. S. "General O'Quinn"	23.610
M. S. "General Artigas"	19.750
M. S. "General San Martin"	18.900
M. S. "General O'Quinn"	11.1800

habitar de... para... 1935

Tudo de viagem de São Francisco do Sul para Hamburgo - 30 dias

Emblema de proteção da liberdade de transporte, parte do E.ropa para o Brasil. Para Passagens e outras informações com os agentes

TRUPPEL & CIA.

SÃO FRANCISCO DO SUL

Caixa Postal n. 111 End. Tel. "Truppel"

Correspondente: Sr. Gerardo Carlos Hongos & A

JOSE M. CAMERES

PRIMEIRO

Alojado pelo telepho n. 219
110 sur Paulo Huchelino

AGENTE SALAJA
Cajero de um Banco

ANNUNCIO E A ALMA DO NEGOCIO

Fogos

Para as festas de junho de 1935, o Sr. M. do Anunciador AVARDON BAPTISTA N. 121

Estatutos do Azylo de Desvalidos "Bethesda" em Pedreira

Art. 1º - O Azylo de Desvalidos "BETHESDA", fundado em Pedreira em 19 de Outubro do anno de mil novecentos e trinta e quatro, em seu local em Pedreira, e fora do Cemeterio de Joinville, e sua instituição de ensino próximo a Pedreira, tem a seguinte constituição de estatutos:

Art. 2º - O Azylo será mantido por doações e contribuições de pessoas físicas e jurídicas, e de instituições religiosas e beneficentes, e de outros meios de obtenção de recursos.

Art. 3º - O Azylo terá a seguinte organização administrativa:

Art. 4º - O Azylo terá a seguinte organização administrativa:

Art. 5º - O Azylo terá a seguinte organização administrativa:

Art. 6º - O Azylo terá a seguinte organização administrativa:

Art. 7º - O Azylo terá a seguinte organização administrativa:

Art. 8º - O Conselho Administrativo constituir-se-á de sete membros, sendo cinco membros do sexo masculino e dois do sexo feminino, e os membros do Conselho Administrativo serão nomeados pelo Conselho Fiscal.

Art. 9º - O Conselho Administrativo constituir-se-á de sete membros, sendo cinco membros do sexo masculino e dois do sexo feminino, e os membros do Conselho Administrativo serão nomeados pelo Conselho Fiscal.

Art. 10º - O Conselho Administrativo constituir-se-á de sete membros, sendo cinco membros do sexo masculino e dois do sexo feminino, e os membros do Conselho Administrativo serão nomeados pelo Conselho Fiscal.

Art. 11º - O Conselho Administrativo constituir-se-á de sete membros, sendo cinco membros do sexo masculino e dois do sexo feminino, e os membros do Conselho Administrativo serão nomeados pelo Conselho Fiscal.

Art. 12º - O Conselho Administrativo constituir-se-á de sete membros, sendo cinco membros do sexo masculino e dois do sexo feminino, e os membros do Conselho Administrativo serão nomeados pelo Conselho Fiscal.

Art. 13º - O Conselho Administrativo constituir-se-á de sete membros, sendo cinco membros do sexo masculino e dois do sexo feminino, e os membros do Conselho Administrativo serão nomeados pelo Conselho Fiscal.

Art. 14º - O Conselho Administrativo constituir-se-á de sete membros, sendo cinco membros do sexo masculino e dois do sexo feminino, e os membros do Conselho Administrativo serão nomeados pelo Conselho Fiscal.

Art. 15º - O Conselho Administrativo constituir-se-á de sete membros, sendo cinco membros do sexo masculino e dois do sexo feminino, e os membros do Conselho Administrativo serão nomeados pelo Conselho Fiscal.

Art. 16º - O Conselho Administrativo constituir-se-á de sete membros, sendo cinco membros do sexo masculino e dois do sexo feminino, e os membros do Conselho Administrativo serão nomeados pelo Conselho Fiscal.

Art. 17º - O Conselho Administrativo constituir-se-á de sete membros, sendo cinco membros do sexo masculino e dois do sexo feminino, e os membros do Conselho Administrativo serão nomeados pelo Conselho Fiscal.

Art. 18º - O Conselho Administrativo constituir-se-á de sete membros, sendo cinco membros do sexo masculino e dois do sexo feminino, e os membros do Conselho Administrativo serão nomeados pelo Conselho Fiscal.

Art. 19º - O Conselho Administrativo constituir-se-á de sete membros, sendo cinco membros do sexo masculino e dois do sexo feminino, e os membros do Conselho Administrativo serão nomeados pelo Conselho Fiscal.

Art. 20º - O Conselho Administrativo constituir-se-á de sete membros, sendo cinco membros do sexo masculino e dois do sexo feminino, e os membros do Conselho Administrativo serão nomeados pelo Conselho Fiscal.

Art. 21º - O Conselho Administrativo constituir-se-á de sete membros, sendo cinco membros do sexo masculino e dois do sexo feminino, e os membros do Conselho Administrativo serão nomeados pelo Conselho Fiscal.

Art. 22º - O Conselho Administrativo constituir-se-á de sete membros, sendo cinco membros do sexo masculino e dois do sexo feminino, e os membros do Conselho Administrativo serão nomeados pelo Conselho Fiscal.

Art. 23º - O Conselho Administrativo constituir-se-á de sete membros, sendo cinco membros do sexo masculino e dois do sexo feminino, e os membros do Conselho Administrativo serão nomeados pelo Conselho Fiscal.

Art. 24º - O Conselho Administrativo constituir-se-á de sete membros, sendo cinco membros do sexo masculino e dois do sexo feminino, e os membros do Conselho Administrativo serão nomeados pelo Conselho Fiscal.

Art. 25º - O Conselho Administrativo constituir-se-á de sete membros, sendo cinco membros do sexo masculino e dois do sexo feminino, e os membros do Conselho Administrativo serão nomeados pelo Conselho Fiscal.

Art. 26º - O Conselho Administrativo constituir-se-á de sete membros, sendo cinco membros do sexo masculino e dois do sexo feminino, e os membros do Conselho Administrativo serão nomeados pelo Conselho Fiscal.

Art. 27º - O Conselho Administrativo constituir-se-á de sete membros, sendo cinco membros do sexo masculino e dois do sexo feminino, e os membros do Conselho Administrativo serão nomeados pelo Conselho Fiscal.

Art. 28º - O Conselho Administrativo constituir-se-á de sete membros, sendo cinco membros do sexo masculino e dois do sexo feminino, e os membros do Conselho Administrativo serão nomeados pelo Conselho Fiscal.

Art. 29º - O Conselho Administrativo constituir-se-á de sete membros, sendo cinco membros do sexo masculino e dois do sexo feminino, e os membros do Conselho Administrativo serão nomeados pelo Conselho Fiscal.

Art. 30º - O Conselho Administrativo constituir-se-á de sete membros, sendo cinco membros do sexo masculino e dois do sexo feminino, e os membros do Conselho Administrativo serão nomeados pelo Conselho Fiscal.

O Sabão "Virgem Especialidade" de Wetzel & Cia. - Joinville

(Marca Registrada)

conserva o tecido da roupa porque lava facilmente e com rapidez

Registrado no dia vinte e cinco para registro, espontâneo sob o n. 647 de ordem de Protocolo, Joinville, 25 de junho de 1935. Em testemunho da verdade, O Official do Registro Especial.

Registrado no livro n. 3 do registro de Sociedade Civil, no dia vinte e cinco de junho de mil novecentos e trinta e cinco, e folhas 68 e verso sob o numero 43 de ordem, Joinville, 25 de junho de 1935. Em testemunho da verdade, O Official do Registro Especial.

Estatuto de 1940*

Ferdinand Schünzen

Presidente (bispo da Igreja Luterana do Brasil)

Wilhelm Dommel

Administrador (que na época também integrava a diretoria da Igreja Luterana do Brasil)

Conselho Consultivo

- *Adolf Hardt*
- *Adolf Vogelsanger*
- *Alex Retzlaff*
- *Gustav Witt*
- *Heinrich Bruscke*
- *Max Dressel*
- *Max Wöhl*
- *Otto Mews*
- *Ricardo Schroeder*
- *Rodolfo Holz*
- *Rudolf Hübener*
- *Wilhelm Merckle*

** Há várias divergências de grafia dos nomes em documentos diferentes*

Estatuto de 1948*

Adolf Vogelsanger

Ferdinand Schünzen

Gustav Witt

Max Wöhl

Otto Mews

Ricard Schroeder

Rudolf Hübener

Wilhelm Dommel

Wilhelm Merckle

Conselho Consultivo

- *Adolf Hardt*
- *Adolf Vogelsanger*
- *Adolf Wegner*
- *Alexandre Merkle*
- *Alexandre Retzlaff*
- *Eugênio Pabst*
- *Gustav Witt*
- *Max Dressel*
- *Max Wöhl*
- *Otto Mews*
- *Rudolf Hübener*

** Há várias divergências de grafia dos nomes em documentos diferentes*

O QUE ME RESERVA O FUTURO?

Para o homem moderno, o futuro não é mais uma incógnita. Ele sabe o que lhe reserva o futuro. Ele sabe o que lhe reserva o futuro. Ele sabe o que lhe reserva o futuro.

PILULAS DR. ROSS
COLUMNA DE BLUMENAU

A obra de um pioneiro

Blumenau, cidade de 100 mil habitantes, fundada em 1829, é hoje uma das maiores e mais importantes cidades do Sul de Santa Catarina. Sua história é a história de um pioneiro, de um homem que, com coragem e perseverança, abriu caminho para o desenvolvimento de uma nova cidade.

O SETE DE SETEMBRO EM BLUMENAU

Um vibrante discurso do prefeito José Perreira da Silva

Blumenau, 7 de Setembro de 1940. — Hoje, no dia em que comemoramos o aniversário de 111 anos da nossa cidade, sinto-me profundamente orgulhoso de representar a comunidade blumenauense. O nosso passado é rico em realizações e o nosso futuro é cheio de possibilidades.

ESTATUTOS

Do Asilo Bethesda de Pedreira

Artigo 1º - O Asilo Bethesda de Pedreira é uma instituição beneficente, fundada em 1829, com o objetivo de proporcionar assistência médica e social aos necessitados da comunidade.

MAGROS DE NASCENÇA

Façam esta experiência: NÃO COMAM MAIS DO QUE VOS CUSTAR!

ACHEM AQUI O SEU MEDICAMENTO PARA SE TORNAR MAGRO E SAUDAVEL. NÃO COMAM MAIS DO QUE VOS CUSTAR! **Comprimidos VIKELP**

DE BLUMENAU

Colônia de Bomfim de São José - O Sr. João de Deus, proprietário da fazenda de Bomfim de São José, vem a público declarar que a mesma fazenda pertence a ele e a sua esposa, Sr.ª Maria de Deus.

TONICO - Fortalecedor natural para todos os estados de fraqueza.

ESTABELECIMENTO GRAFICO "BRASH" LTDA
Rua Thales N.º 17 - Florianópolis

DR. MARI- NHO LOBO
Advogado
Rua André Balthazar, 100 - Vila

DR. BLEY ZORNIG
Clínica Médica
Rua Thales N.º 17 - Florianópolis

PAU AU BERGE

DR. OSVALDO SEGUNDO DE OLIVEIRA
Raios X

UM ANIMAL ASSIM...
Se se consegue com o uso dos bons produtos veterinários dos LABORATÓRIOS KAHL LEITE S. A.

Leopoldo Zarling
Fábrica para beneficiar madeiras.
Tel.: "Zarling" - Telef. 33 - Caixa Postal 28

DR. JOSÉ A. MOREIRA FILHO
Advogado
Rua São Francisco

SRS. CONSTRUTORES!
Profissionais para seus edifícios e comerciais. A CAL VIREM "BRASIL".

CINE REX | AS 4 PENNAS BRANCAS
HOJE - 5ª FEIRA - 8,30 HORAS - GRANDE PROGRAMA DUPLA
DOMINGO - O FILM QUE ASSOMBROU A HUMANIDADE!
O DESPERTAR DO MUNDO
Bichos antidiluvianos... Monumentais... grandiosos...
Victor Nature - Carole Landis - Lou Chaney Jr.

Da década de 1950 há poucos registros

Em 1952 Oscar Eberhardt assume a administração, enquanto o pastor Wilhelm Dommel retorna à Alemanha.

Em 1953 o pastor Ferdinand Schluenzen ou Schünzen, eleito pároco da Paróquia Dona Francisca, assume a administração.

Em 1956 o pastor Georg Burger torna-se o administrador.

Somente a partir da década de 1970 são aprovados novos estatutos em função da ampliação das atividades, bem como da reestruturação da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, em 1968.

Inicia-se aí a fase de constituição de um Conselho Administrativo da Instituição Bethesda.

Conselhos Administrativos

1971-1974

Presidente: Pastor Georg Burger

Vice-presidente: Pastor Heinz Ehlert

1º Secretário: Guilherme Zuege

2º Secretário: Eugênio Boldt

1º Tesoureiro: Paulo Schroeder

2º Tesoureiro: Arno Erzinger

1974-1977

Presidente: Pastor Heinz Ehlert

Vice-presidente: Guilherme Zuege

1º Secretário: Dr. Celso Schramm

2º Secretário: Eugênio Boldt

1º Tesoureiro: Paulo Schroeder

2º Tesoureiro: Arno Erzinger

1977-1980

Presidente: Pastor Heinz Ehlert

Vice-presidente: Guilherme Zuege

1º Secretário: Dr. Celso Schramm

2º Secretário: Eugênio Boldt

1º Tesoureiro: Aldo Beil

2º Tesoureiro: Arno Erzinger

1980-1983

*Presidente: **Pastor Heinz Ehlert***

*Vice-presidente: **Dr. Celso Schramm***

*1º Secretário: **Eugênio Boldt***

*2º Secretário: **Pastor Günther Schick***

*1º Tesoureiro: **Aldo Beil***

*2º Tesoureiro: **Arno Erzinger***

1983-1986

*Presidente: **Dr. Celso Schramm***

*Vice-presidente: **Pastor Meinrad Piske***

*1º Secretário: **Eugênio Boldt***

*2º Secretário: **Pastor Günther Schick***

*1º Tesoureiro: **Aldo Beil***

*2º Tesoureiro: **Arno Erzinger***

1986-1989

*Presidente: **Dr. Celso Schramm***

*Vice-presidente: **Eugênio Boldt***

*1ª Secretária: **Marisa Volani***

*2º Secretário: **Pastor Günther Schick***

*1º Tesoureiro: **Aldo Beil***

*2ª Tesoureira: **Norma Erzinger***

1989-1992

*Presidente: **Dr. Celso Schramm***

*Vice-presidente: **Pastor Meinrad Piske***

*1º Secretário: **Valmir Brüske***

*2º Secretário: **Pastor Rubens Horst***

*1º Tesoureiro: **Eugênio Boldt***

*2ª Tesoureira: **Norma Erzinger***

1992-1995

*Presidente: **Pastor Rolf Schiemann***

*Vice-presidente: **Valmir Brüske***

*1ª Secretária: **Iris Boldt***

*2º Secretário: **Sérgio Baumer***

*1º Tesoureiro: **Márcio Zuege***

*2ª Tesoureira: **Ursula Hardt***

1995-1998

*Presidente: **Dr. Celso Schramm***

*Vice-presidente: **Valmir Brüske***

*1ª Secretária: **Iris Boldt***

*2º Secretário: **Sérgio Baumer***

*1º Tesoureiro: **Nelson Chaves***

*2ª Tesoureira: **Norma Erzinger***

1998-2001

*Presidente: **Dr. Celso Schramm***

*Vice-presidente: **Valmir Brüske***

*1ª Secretária: **Iris Boldt***

*2º Secretário: **Pastor Waldir Schubert***

*1ª Tesoureira: **Norma Erzinger***

*2º Tesoureiro: **João Alves Teixeira Neto***

2001-2004

*Presidente: **Norma Erzinger***

*Vice-presidente: **Roberto Korn***

*1ª Secretária: **Iris Boldt***

*2º Secretário: **Max Gehrman***

*1º Tesoureiro: **Celso Schramm***

*2º Tesoureiro: **Aristides Brüske***

2004-2007

*Presidente: **Norma Erzinger***

*Vice-presidente: **Roberto Korn***

*1ª Secretária: **Iris Boldt***

*2ª Secretária: **Marilda Langebartels***

*1º Tesoureiro: **Celso Schramm***

*2º Tesoureiro: **Aristides Brüske***

2007-2010

*Presidente: **Décio Krelling***

*Vice-presidente: **Valmir Brüske***

*1ª Secretária: **Iris Boldt***

*2ª Secretária: **Carmen Seefeld***

*1º Tesoureiro: **Celso Schramm***

*2º Tesoureiro: **Clovis Seefeldt***

Conselho Fiscal

Titulares:

Álvaro Gaertner

Márcio Zuege

Margareth Schmalz

2010-2013

*Presidente: **Décio Krelling***

*Vice-presidente: **Valmir Brüske***

*1ª Secretária: **Iris Boldt***

*2ª Secretária: **Carmen Seefeld***

*1º Tesoureiro: **Celso Schramm***

*2º Tesoureiro: **Clovis Seefeldt***

Conselho Fiscal

Titulares:

Álvaro Gaertner

Márcio Zuege

Margareth Schmalz

2013-2016

Presidente: Valmir Brüske

Vice-presidente: Álvaro Gaertner

1ª Secretária: Carmen Seefeld

2ª Secretária: Iris Boldt

1º Tesoureiro: Celso Schramm

2º Tesoureiro: Clovis Seefeldt

Conselho Fiscal

Titulares:

Décio Krelling

Márcio Zuege

João Teixeira Neto

2016-2019

Presidente: Valmir Brüske

Vice-presidente: Clovis Seefeldt

1ª Secretária: Carmen Seefeld

2ª Secretária: Beatriz Millarch

1º Tesoureiro: Celso Schramm

2º Tesoureiro: Álvaro Gaertner

Conselho Fiscal

Titulares:

Décio Krelling

João Teixeira Neto

Márcio Zuege

2019-2023

(A partir de 2019 o mandato passou a ser de quatro anos)

*Presidente: **Valmir Brüske***

*Vice-presidente: **Clovis Seefeldt***

*1ª Secretária: **Carmen Seefeld***

*2ª Secretária: **Beatriz Millarch***

*1º Tesoureiro: **Celso Schramm***

*2º Tesoureiro: **William Dumke***

Conselho Fiscal

Titulares:

Álvaro Gaertner

João Teixeira Neto

Manfred Maier

Suplentes:

Décio Krelling

Márcio Zuege

Valdemir Schulz

Galéria

Ex-presidentes das últimas cinco décadas

Servir faz bem à alma

Dentista, professor e coordenador do programa de estágio de atendimento odontológico da Universidade da Região de Joinville (Univille) no Residencial Bethesda, foi presidente do Conselho Administrativo por cinco vezes ao longo de quase 20 anos, além de participar até hoje como conselheiro em diversas funções, sendo atualmente tesoureiro.

“Meu envolvimento começou muito cedo talvez porque meus pais foram voluntários bastante ativos da Instituição Bethesda. Tenho nas veias um histórico familiar de muito voluntariado e quando adolescente vivi de perto todo o esforço para a criação do hospital. Foram realizadas pelo menos duas grandes festas populares para arrecadar verbas para começar a construção do Hospital Bethesda. Lembro da gente trabalhar vários finais de semana direto para isso. E aí em função desse forte envolvimento, acabei sendo convidado para integrar o Conselho. Meu futuro, se tudo der certo, é também mudar para o residencial um dia” [risos].

Depois da criação da faculdade de odontologia em 1998 na Univille, Celso foi convidado pela coordenadora do curso na época para ajudar a elaborar um programa de estágio para os alunos. Como já era presidente da Instituição Bethesda, foi um passo natural criar um posto de atendimento para os idosos ali dentro. Assim, com o objetivo de que os alunos vivessem uma experiência ambulatorial mais ampla do que a oferecida pela faculdade, o programa de estágio para os alunos do quinto ano entrou em vigor em 2003 e não parou mais, foi e é um sucesso. Mas o começo foi duro, muito limitado. “Chegamos aqui sem nada... não tinha nenhuma infraestrutura odontológica... atendíamos numa salinha pequena que tinha duas poltronas e uma mesa, de modo que nas primeiras duas ou três turmas, a gente só conseguia fazer exames preventivos e passar orientação de saúde bucal”, relembra.

Até que um dia, entre 2005 ou 2006, a empresa Kavo do Brasil, fabricante de equipamentos para consultório odontológico, acabou reformando uma sala do ancianato e doando os equipamentos necessários, permitindo atendimento semanal. Porém, só bem mais tarde, quando começou a entrar a verba da Trímania, a partir de 2015, que foi possível construir um consultório estruturado para o atendimento odontológico como o Residencial tem hoje. Atualmente, além dos estagiários para quem não pode pagar, há também um dentista que oferece atendimento particular e por convênio por alguns planos de saúde.

Sobre seu grande legado para a Instituição Bethesda, Celso é modesto: “Pessoalmente me sinto muito realizado por ter ajudado a servir à comunidade de várias formas, mas por outro lado me cobro achando que podia ter feito ainda mais. [risos]. Faz bem para a alma a gente poder servir”.



DR. CELSO ALFREDO SCHRAMM

Presidiu o Conselho da Instituição Bethesda de 1983 a 1992 e de 1995 a 2001

Realização pelo voluntariado

Norma participou do Conselho Administrativo por mais de 20 anos, de 1986 a 2007, sendo os últimos seis como presidente, além de até hoje atuar ativamente como coordenadora do Grupo de Voluntários. Entrou na tesouraria em substituição ao sogro Arno Erzinger, que tem seu nome eternizado em placa de rua no bairro Pirabeiraba e na unidade de Pronto Atendimento da Instituição Bethesda. Mesmo sem formação específica, Norma exerce uma liderança natural na igreja luterana e na comunidade, sendo reconhecida por sua grande capacidade de realização, numa contribuição empreendedora e amorosa em toda a Instituição.

“Para mim, toda essa experiência do voluntariado foi e continua sendo um grande aprendizado. Aprendi a lidar com pessoas, a me dedicar ao próximo com afinco, a enxergar o outro com mais carinho e, no final das contas, fazer acontecer. Ninguém segura a gente”, revela Norma com otimismo.





NORMA LÜTKE ERZINGER
Presidiu o Conselho da Instituição Bethesda de 2001 a 2007

Segunda casa

Administrador com formação em economia e contabilidade, ex-vereador e atual consultor de empresas, Décio é reconhecido por ter conseguido ajudar a dar uma virada econômica na história da Instituição, que passava por maus momentos, correndo sério risco de fechar as portas por volta de 2006.

“Na época eu tinha acabado de me aposentar e me ofereci para ajudar a Instituição, que passava por sérias dificuldades financeiras. O primeiro passo foi lutar para renegociar as dívidas e gerar receita. Aí conquistamos o apoio da Receita Federal, que nos doava os lotes de produtos apreendidos que iriam a leilão e, assim, conseguimos pouco a pouco salvar o hospital do fechamento com a realização de um grande bazar anual. Além disso, obtivemos apoio para reformas por parte do empresariado da região e passamos também a mudar a filosofia de gestão para uma administração mais profissionalizada.”

Depois da presidência, Décio passou a liderar o Conselho Fiscal por mais seis anos, realizando atualmente apoio na gestão de custos. “Eu não consigo deixar de me envolver com a Instituição todos os dias desde então, é como a minha segunda casa. Encaro isso como um desafio e uma gratificação, uma bênção na minha vida poder ajudar”, declara.



DÉCIO KRELLING

Presidiu o Conselho da Instituição Bethesda de 2007 a 2013

Diretoria atual

Exemplo de determinação e apoio

Até hoje, apesar de bastante demandante, o trabalho dos diretores que exercem a presidência e vice-presidência é voluntário. O único cargo remunerado até o momento é o de diretor executivo, que é contratado para responder pela complexa gestão administrativa geral de todas as três unidades, além de representar a Instituição na interface e negociações com órgãos públicos de saúde e representantes políticos.

Em paz

Empresário, Valmir atualmente é sócio da Prodata Informática. Começou a lutar pela vida desde muito cedo. Chegou a Joinville aos 16 anos para trabalhar, pois o avô morava em Pirabeiraba. Acabou encontrando oportunidade em um restaurante e juntava todas as economias que podia para realizar o sonho de fazer curso de pilotagem, indo de bicicleta até o aeroclube para as aulas noturnas. Com o casamento, aos 20 anos, abriu mão do sonho de aviador, pois já havia surgido a oportunidade de trabalhar com computação. Atuou na reconhecida empresa joinvilense de informática da época, a Manchester – de onde saiu como gerente – depois, foi convidado para a estatal icônica do setor que despontava: a Cobra Computadores.

Mais tarde, já como empresário bem-sucedido, ao abrir uma vaga no Conselho da Instituição Bethesda, por fazer parte da comunidade luterana, foi consultado para assumir a função de secretário. Resolveu aceitar para ajudar de alguma forma a evitar que o hospital fechasse as portas. Não saiu mais. Desafio atrás de desafio para organizar as finanças da Instituição, acabou ocupando a vice-presidência e ajudando o então presidente Décio Krelling na difícil tarefa de colocar a casa em ordem, diminuindo o endividamento com uma gestão severa e buscando mais recursos. Ao longo de três décadas atuando no Conselho, atualmente acaba de ter sua chapa aprovada para mais um mandato.

Ao resumir sua contribuição para a Instituição durante todo esse tempo, não hesita: “Eu tenho amor e carinho por tudo isso aqui. Não vejo outra coisa. Porque eu brigo como se fosse meu! Sinto-me fazendo a minha parte. É a minha contribuição social, por meio da Instituição, para aqueles que necessitam. Eu e minha mulher sempre procuramos ajudar muito as pessoas. Saí daqui muitas vezes arrasado, tendo de enfrentar salários atrasados, fornecedor todo dia batendo à porta para receber. Mas qual sentimento que fica no final das contas? Paz. Paz por ter minha consciência tranquila de sempre procurar fazer o que é certo, justo, o melhor. Paz porque pelo menos sinto que fiz alguma coisa de bom para deixar para alguém”.

HOSPITAL BETHES



VALMIR SEBASTIÃO BRÜSKE
Presidente

Construindo relacionamentos

Engenheiro civil, tendo trabalhado vários anos no Serviço Público, Clovis vem participando há mais de uma década do Conselho Administrativo da Instituição. Quando aceitou o primeiro convite, Norma estava saindo e Décio assumindo no meio de um turbilhão de dificuldades de gestão. Clovis entrou na época ocupando a função de vice-tesoureiro, além de dar eventual suporte de consultoria técnica de engenharia.

Vivendo de perto todos os altos e baixos de uma instituição filantrópica, a partir de 2015 o apoio financeiro via Trimania permitiu avançar com maior regularidade nas obras de reforma e ampliação do hospital. Enquanto isso, buscou ampliar suas qualificações especializando-se em Gestão Hospitalar. Então, foi pouco a pouco atuando cada vez mais à frente das construções, tornando-se paralelamente prestador de serviço, pois havia também a necessidade da contratação de um engenheiro civil atuando como técnico responsável.

Como grande parte da família também nascida e criada na região, seu carinho pela Instituição Bethesda vem de longa data, lembrando que seus bisavós já foram residentes do ancianato. Uma lembrança em especial vem à tona: no fim da década de 1960, seu pai contribuiu na construção, ajudou a edificar uma ala do então novo hospital, a exemplo de várias outras empresas locais. Mais recentemente ainda, um pedido dele antes de falecer tocou fundo: que Clovis continuasse ajudando a Instituição.

O trabalho voluntarioso faz parte da sua alma de escoteiro, atuando em grupo da região desde os dez anos de idade com o propósito de servir à comunidade. Mas o que o faz vir para cá todos os dias com esse sentimento de fazer acontecer? “Construir relacionamentos. Eu confesso que gosto de um ambiente dinâmico e desafiador como temos aqui, com muita coisa acontecendo ao mesmo tempo, muita coisa para resolver. Além da engenharia, como vice-presidente a responsabilidade é muito maior. Procuo sempre estar atento a tudo o que precisa ser melhorado nas diversas áreas. No fim das contas, é o senso de estar ajudando as pessoas de alguma forma. A felicidade que a gente tem quando se ouve dizer que alguém foi bem atendido aqui, que se curou, ou que passou os últimos dias com dignidade, é a nossa maior recompensa”.



CLOVIS SEEFELDT
Vice-Presidente

Missão de vida

Graduado em administração hospitalar, Hilário iniciou sua experiência profissional de forma muito humilde e versátil, passando por diversas atividades. Aos 14 anos, começou a trabalhar como jardineiro no Hospital e Maternidade Jaraguá (no município de Jaraguá do Sul), onde acabou atuando por nada menos que 42 anos. Abraçando toda oportunidade que surgia, lá trabalhou também na manutenção e como motorista de ambulância, passando depois para atendente de enfermagem. Desde a década de 1960 vem se qualificando progressivamente e crescendo na gestão hospitalar, tendo feito os mais diversos cursos, como técnico em radiologia, técnico em enfermagem e instrumentação cirúrgica. Acabou crescendo como sindicalista também, ajudando a fundar os sindicatos de enfermeiros de Blumenau e Joinville. Foi reconhecimento e recebeu homenagens por sua atuação em prol da saúde, como a Comenda do Legislativo Catarinense.

O Hospital Bethesda foi seu segundo emprego, passando a dirigir a Instituição em 2011, após ter exercido as seguintes funções e cargos institucionais ao longo da sua extensa carreira: diretor administrativo do Hospital e Maternidade Jaraguá; presidente do Conselho Municipal da Saúde de Jaraguá do Sul; membro do Conselho Municipal de Saúde de Joinville; membro do Conselho Estadual de Saúde.

Atualmente, além de dirigir a Instituição Bethesda, ocupa os seguintes cargos: presidente da Federação das Santas Casas e Hospitais Filantrópicos do Estado de Santa Catarina (FEHOSC); presidente da Associação de Hospitais do Estado de Santa Catarina (AHESC) – regional Norte-Nordeste; tesoureiro do Sindicato dos Estabelecimentos de Serviços de Saúde da Região Norte e Nordeste de Santa Catarina (SINDHOSP); vice-presidente do Instituto Santé; membro da Confederação das Santas Casas de Misericórdia, Hospitais e Entidades Filantrópicas (CMB); vice-presidente da Associação dos Salva-Vidas do Brasil.

Sobre seu aprendizado mais marcante na Instituição, Hilário relembra que quando chegou ficou assustado: “Era triste, porque o hospital estava numa situação lamentável. Eu tinha acabado de me aposentar e quem me ligou pedindo ajuda foi o deputado Carlos Chiodini, pois o Décio, que presidia a Instituição na época, era assessor dele. Em vez de passar a ter uma vida mais tranquila, senti que ainda tinha mais um chamado, uma missão a cumprir. Mas é um baita desafio que me gratifica: vencer as dificuldades tornou-se uma meta de vida. Quando assumi a direção do Hospital Jaraguá na época também atravessávamos uma crise violenta. É o mesmo drama enfrentado pela maioria das entidades da área de saúde no país. Gosto de desafios”.



HILÁRIO DALMANN
Diretor Executivo

85 *anos*

Residencial Bethesda

16 de dezembro de 1934

*Dirigível sobrevoando a
Rua das Palmeiras em 1934
Foto cedida pelo Arquivo
Histórico de Joinville*





Joinville. Graf Zeppelin.



Família do pastor Dommel



*Panorama central de Joinville entre décadas 30 e 50
Foto cedida pelo Arquivo Histórico de Joinville*



*Esboço do projeto de ampliação do Asilo
Bethesda na década de 1950*



*Rio Cachoeira na década de 1930
Foto cedida pelo Arquivo Histórico de Joinville*



*Igreja Evangélica Estrada da Ilha
Foto cedida pelo Arquivo Histórico de Joinville*





Comunidade Evangélica Estrada da Ilha

TRADIÇÃO EM



CUIDADOS



A foto desta edição mostra um local tradicional e ainda atuante em Joinville: o Ancianato Bethesda (integrante da Instituição Bethesda). Localizado no distrito de Pirabeiraba, foi fundado em 1934 (provável data da foto) e fica na rua Conselheiro Pedreira, nº 624.

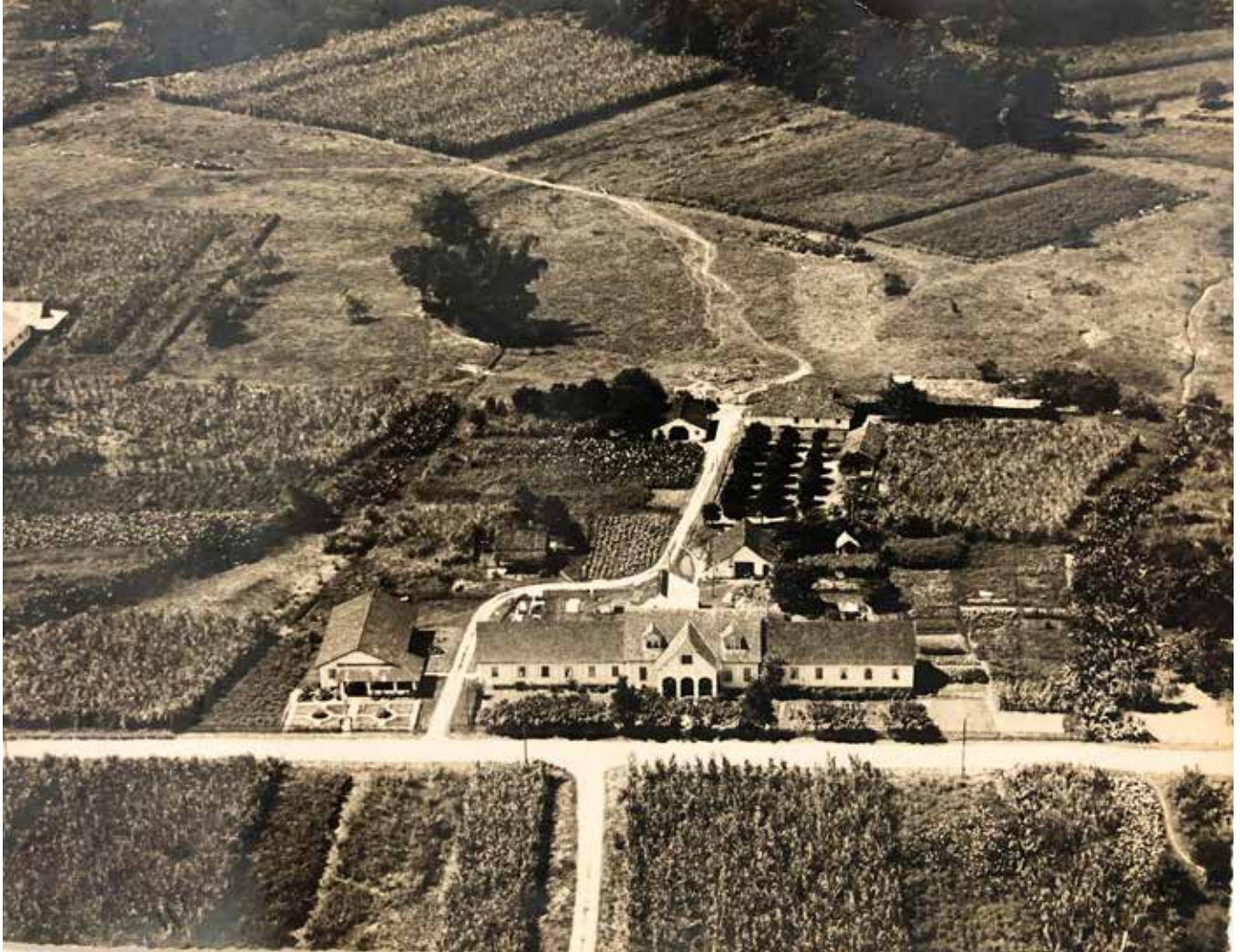


Grupo de visitantes e moradores posam na frente do Asilo Bethesda entre as décadas de 1930 e 1940 (data estimada)





*Parte do grupo de residentes na
década de 1950 (data estimada)*



Vista aérea do asilo na década de 1950



*Casal Elisabeth e Georg Burger
na década de 1950*



Família Burger na década de 1950. Da esq. para dir.: Maria, Elisabeth, Helmut, Hans, Germano, pastor Georg e Gisela





Em 1934, enquanto a Assembleia Nacional Constituinte promulgava a terceira Constituição Brasileira para organizar um regime democrático que assegurasse a unidade, a liberdade, a justiça e o bem-estar social e econômico à nação, membros da Igreja Luterana de Joinville (especificamente da Comunidade Evangélica Dona Francisca, em Pirabeiraba) realizavam um sonho coletivo liderados por dois pastores alemães: Karl Müller e Wilhelm Dommel.

“Todas as palavras que não se transformam em ação são inúteis”. Inspirados por esse pensamento, convocaram os fiéis para agir sobre a “missão interna” de contribuição social para a comunidade desamparada, especialmente os idosos. Com muita confiança em Deus, um grupo de trabalho liderado por Dommel foi criado para construir um asilo que abrigasse os mais velhos desprotegidos. Com as próprias economias da comunidade, adquiriu-se um terreno na vila de Pirabeiraba que deve ter sido praticamente doado (não existe registro oficial e há versões divergentes), de propriedade do lavrador Friedrich Doerlitz – um dos muitos imigrantes que vieram da Alemanha para o Brasil no final do século XIX.

Em 16 de dezembro de 1934 foi aprovado o primeiro estatuto e lançada a pedra fundamental da obra, intitulada “Alten-und Siechenheim Bethesda”, significando “asilo dos desvalidos” em tradução literal com sentido adaptado à nomenclatura da língua portuguesa utilizada na época. Dois anos depois, em 1936, a casa abriu suas portas com capacidade inicial para uma média de 10 a 18 moradores (há registros históricos divergentes), que tinham de prover o próprio sustento, mantendo vaca leiteira, galinheiro e cultivando o campo com hortaliças e árvores frutíferas, uma vez que não possuíam aposentadoria nem meios financeiros próprios.

Era uma casa simples, o início foi muito penoso e exigiu um grande esforço da comunidade, que contribuía como podia, de acordo com as habilidades individuais: uns fizeram a fundação, outros colocaram os tijolos, outro grupo colocou o telhado, instalação elétrica básica e hidráulica; um casal doou uma vaca, outro cuidou da horta e por aí foi.

Incansavelmente, o pastor Dommel e sua esposa Elisabeth, que tinha conhecimento de enfermagem, não mediram esforços para dar conta do trabalho pesado e conquistar voluntários. Como a fazenda precisava ser autossustentável, para ajudar na subsistência vendiam os produtos agrícolas produzidos no vasto terreno e chegaram até a ter uma padaria, vendendo biscoitos e pães que viraram lenda na região. Durante a Segunda Guerra Mundial, o asilo passou por tempos muito difíceis, principalmente porque o pastor Dommel foi mantido recluso em Florianópolis por ser alemão.

Mesmo assim, mais e mais idosos procuravam o Bethesda, sendo a infraestrutura paulatinamente ampliada, sobretudo em forma de ranchos de madeira e galpões improvisados. Todos pagavam uma mensalidade conforme as suas possibilidades, mas ainda era necessária mais ajuda para manter a casa. Doações do crescente comércio e da indústria joinvilense foram garantindo a sobrevivência da Instituição que desde o início, mesmo com toda a precariedade, tornou-se uma referência de acolhimento ao idoso no estado.

Perto de 1950, o número de moradores chegava a cerca de 50. Por motivos de saúde, no início da década o pastor Dommel e família voltaram definitivamente para a Alemanha. O sucessor foi o pastor Werner Schwenk, que, a despeito de investir na venda de terrenos pertencentes à Instituição, não conseguiu enfrentar as dívidas crescentes.

Em 1956, o pastor Georg Burger e sua esposa, também de nome Elisabeth, chegaram a Pirabeiraba com o desafio de dar continuidade à missão Bethesda. A partir daí, a família Burger – incluindo mais tarde a atuação dos filhos Hans e Gisela – deu novo impulso à Instituição como fruto de intensa dedicação e visão de futuro. O casal Burger procurou o apoio da gestão municipal e conseguiu. O então prefeito, Dr. João Colin e sua esposa Paula sensibilizaram-se com a causa e conseguiram subvenções governamentais, além de doarem recursos pessoais, que minimizaram o endividamento e restabeleceram o crédito na praça. As dificuldades de subsistência sempre perseveraram, mas aos poucos a união da comunidade luterana e o apoio de várias empresas e pessoas físicas aqui e ali fizeram o sonho não só resistir, mas avançar.

Mais de 40 anos depois, o trabalho estava consolidado e galgando cada vez mais reconhecimento. Em 1974, já com duas unidades em operação (asilo e hospital), o nome oficial registrado passou a ser Instituição Bethesda. Hoje, a visão de asilo, que mais tarde evoluiu para ancianato, está totalmente superada. Recentemente, acaba de ser atualizada para o moderno conceito de “residencial de idosos”, considerando o avanço contemporâneo da longevidade humana com cada vez mais perspectiva de qualidade de vida e interação social.

Atualmente, o Residencial Bethesda é uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) autossustentável, por contar com uma média de 100 residentes que pagam para receber assistência integral e multidisciplinar de qualidade, além de abranger uma cota de acolhimento para idosos encaminhados por órgãos públicos.

Contando com ampla infraestrutura física e de serviços num ambiente com condições mais socializantes e estimulantes, são inúmeras as atividades realizadas, destacando-se:

- Acompanhamento nutricional voltado tanto para a área clínica como à produção de refeições coletivas por nutricionista;
- Fisioterapia para acompanhamento aos idosos em declínio e reabilitação pós-queda;
- Terapia ocupacional com adaptações de instrumentos para alimentação e manutenção das funções neurológicas;
- Assistência odontológica, em parceria com a Univille;
- Geronto-ativação (exercícios físicos específicos ao idoso);
- Exercícios respiratórios dirigidos em grupos;
- Reflexologia podal realizada individualmente em cada idoso conforme demanda e em parceria com o Instituto IREI.

Todas essas atividades diminuem a necessidade de intervenções medicamentosas e geram bem-estar imediato. Por sua vez, a espiritualidade também é cultivada diariamente em devocionais e cultos ecumênicos dirigidos em revezamento por uma diácona, além de agentes pastorais e alguns dos próprios idosos moradores que atuam como voluntários.

Há celebração de festas e datas comemorativas que promovem a integração entre os residentes, familiares e a comunidade ao longo do ano. Ainda, uma iniciativa inovadora é o “Projeto Porta Aberta”, que tem como objetivo abrir as portas da Instituição para a comunidade, contribuindo para diminuir o preconceito social em relação às Instituições de Longa Permanência (ILPIs), na medida em que busca estreitar laços entre idosos e crianças, com repercussão positiva nas famílias e na sociedade como um todo.

Por fim, contando com o apoio da comunidade, voluntários desenvolvem diversas atividades com os idosos, tais como “Contaçõ de Histórias”, “Cantores da Alegria”, “Passaporte Digital” (inserçõ do idoso no mundo digital), “Cantando em Alemão” e “Visita Pet”. Igualmente, com o intuito de integrar o idoso na comunidade local, há a participação de residentes nos grupos de convivência no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS Pirabeiraba), além de participação em eventos locais.

De forma complementar, é realizado o Programa Dança Sênior® (dança integrativa criteriosa voltada ao idoso), uma iniciativa desenvolvida pioneiramente no Brasil pela equipe de dirigentes do Residencial Bethesda, com destaque para a

atuação de Regina Krause, diácona participante da implantação e responsável pela coordenação nas últimas décadas. Atualmente o programa congrega dirigentes e grupos de dança em todos os estados brasileiros, além do Distrito Federal.

A prática da Dança Sênior® agrega socialização, alegria, disposição e mais qualidade de vida a milhares de adultos – jovens e idosos – de todo o país e já conta com 12 mil grupos ativos e mais de 60 mil pessoas envolvidas, entre cursistas e filiados em todo o Brasil.

Vida dedicada ao servir

Com formação em teologia, arquitetura e gerontologia, o pastor Hans vem de uma família de forte tradição missionária. Seu pai era o pastor Georg Burger, seminarista alemão que chegou ao Brasil após formação pastoral luterana com atuação social voltada para países latino-americanos e asiáticos. A mãe, Elisabeth Meyer, nascida na África, também era missionária e filha de missionários alemães.

Georg e Elisabeth aportaram no Brasil, primeiramente no Estado do Espírito Santo, com a missão de realizar trabalho diaconal, ou seja, de vivência cristã para serviço ao próximo como expressão da fé. Em seguida o pastor foi convidado para assumir a paróquia luterana de Pirabeiraba. Uma das metas era também fundar o Instituto de Formação Diaconal, que acabou sendo viabilizado no início da década de 1970 pelo filho Hans, responsável pela construção de um prédio próprio como moradia para estudantes. A residência era oferecida como parte da bolsa de estudo e de trabalho, com formação teológica e de técnico em gerontologia, em troca de serviço prático prestado no atendimento aos idosos. Ainda hoje o prédio existe no amplo terreno da Instituição, porém essa finalidade foi desativada.

Entre idas e vindas, o pastor Hans Burger atuou na Instituição Bethesda ao longo de quase cinco décadas, desde 1964, quando começou na função de secretário do Conselho Administrativo. Quando o pai, Georg, se aposentou, no início da década de 1970 (após ter realizado o grande sonho da construção de um hospital, pois não havia nenhum recurso médico próximo na região), naturalmente Hans assumiu a direção da Instituição, mais tarde sucedida por seu filho Walter, que permaneceu também muitos anos administrando o Hospital Bethesda.

Um tributo especial deve-se ao empenho de Hans ao longo de toda a sua trajetória na Instituição. Graças à organização alemã denominada de Pão para o Mundo e da Federação Luterana Mundial, depois de muita luta em busca de verba, o pastor conseguiu finalmente um significativo aporte financeiro para reconstruir e ampliar todo o ancianato, reinaugurado na década de 1990, permanecendo a sua fachada e estrutura atual.

Outro resultado importante de sua ampla obra pela pessoa idosa foi trazer a Dança Sênior® para o Brasil, metodologia desenvolvida pioneiramente na Alemanha, que hoje é uma marca registrada criada pela Instituição Bethesda.

E continua vivo ainda um antigo sonho do pastor Hans Burger: a ampliação do “Residencial Bethesda”, com a construção de novas moradias para pessoas idosas independentes da Instituição, mas com todo acesso às vantagens que a mesma oferece.

No fim das contas, Hans avalia a sua contribuição de forma discreta, mas emocionada: “Acredito que tenha deixado como legado um trabalho social fecundo, sério e comprometido com as causas das entidades de congregação luterana. Só tenho a agradecer a todos os obreiros que me ajudaram nessa missão”.



HANS GUSTAVO SIEGFRIED BURGER

Atuar para reflorescer

Professora de formação, técnica de enfermagem com extensão em gerontologia e autodidata por natureza, a diácona Regina Krause dedica-se há 45 anos aos idosos da Instituição. Entrou em 1974 com a proposta de acompanhar o marido diácono, pois a família foi convidada pelo pastor Hans Burger para se transferir de Minas Gerais para Santa Catarina com a tarefa de gerenciar todo o trabalho do então asilo. Mas logo no começo percebeu que estava recebendo uma grande responsabilidade como missão de vida.

Descobriu ali sua verdadeira vocação e topou abraçar a causa com todas as suas forças. Supervisionava tudo e também colocava a mão na massa, atuando como auxiliar de enfermagem (e a partir de 1979 como técnica em enfermagem), auxiliar de serviços gerais, administrativos, de limpeza, lavação de roupa, jardinagem, cozinha, enfim, o que viesse porque, afinal, na época, eram poucos os servidores – menos de 10 pessoas para atender cerca de 80 residentes. A partir de 1975, assumiu oficialmente toda a coordenação, substituindo o marido que adoeceu. “Desde o princípio, quando assumi as funções, minha proposta sempre foi trabalhar com o idoso e não para o idoso. Não aprecio um sistema assistencialista. A pessoa mesma é agente do seu bem-estar”, ensina.

Enquanto isso, nunca deixou de se aperfeiçoar nos estudos em gerontologia e também na diaconia. Pouco a pouco foi evoluindo com os serviços, tinha como lema “promovendo vida”. Sentia que o antigo sistema de asilo ou albergue era ultrapassado, não satisfazendo às aspirações das pessoas. “O seu potencial de vida, sua bagagem e experiência ficavam ameaçados de ser relegados ao esquecimento. Procurei incentivar e descobrir atividades espirituais, lúdicas, culturais e laborativas por meio do artesanato e do canto, por exemplo. Percebemos que pessoas longevas podem ter boa memória e, se estimuladas, têm condições de até decorar textos para serem declamados e continuar aprendendo assuntos do seu interesse”.

Como resultado do seu trabalho, já no fim dos anos 1970 e início de 1980, o Bethesda se consolidou como referência em residência compartilhada. Tanto que em 1989 o asilo passou a ser chamado de ancianato. Além do treinamento da memória e da capacidade mental, iniciou-se um programa de atividades físicas, com ênfase em exercícios de geronto-ativação e dança. Regina foi uma das responsáveis pela propagação da Dança Sênior® no Brasil e até hoje é a coordenadora nacional do programa.

Tudo isso trouxe aos moradores uma nova sensação de bem-estar, uma nova maneira de superar as limitações, uma nova visão de valorização da vida na idade mais avançada. Paralelamente, Regina sempre participou de trabalhos nas comunidades da Segunda Região Eclesiástica, hoje Sínodo Norte Catarinense, incentivando a criação da Pastoral da Pessoa Idosa.

“O ser humano necessita de valorização do seu espaço, de forma digna, segura e, ao mesmo tempo, aberta para o novo. Cada vez mais temos que assumir uma nova perspectiva de servir junto ao idoso, reconhecendo seu valor e capacidade de contribuição de alguma forma. Envelhecer pode ser uma forma de reflorescer”.



REGINA KRAUSE

Missão continuada

Educadora física com especialização em gerontologia e formada em administração, trabalha há 24 anos no residencial, tendo acompanhado de perto o desenvolvimento da Instituição em todos os níveis nos últimos tempos. Filha de Regina Krause e tendo vivido a primeira infância no próprio ambiente, onde seus pais moravam e trabalhavam como dirigentes, Cristiane não tinha como não viver intensamente os desafios do Bethesda, até que optou por trabalhar com a temática da gerontologia no seu trabalho de conclusão de graduação na Univille, em 1994, sobre a prática de exercícios sentados para idosos, o que lhe rendeu reconhecimento e nota máxima.

No fim do mesmo ano, o então ancianato estava totalmente restaurado e ampliado, graças ao apoio financeiro de uma organização alemã. Assim, além de já dar aulas noturnas em academia de ginástica, Cristiane foi chamada repentinamente para quebrar um galho de outra colaboradora que decidiu se ausentar na semana de Natal. Não saiu mais. No início de 1995 foi efetivada então com uma função administrativa, sendo responsável pela recepção de visitantes e por auxiliar no atendimento aos serviços gerais.

Porém, no fundo do seu coração, com a experiência avançando na Instituição em várias frentes conforme surgiam as demandas, relembra emocionada que já intuía que iria acabar abraçando um desafio muito maior: ajudar a desenvolver a missão da sua mãe e do pastor Hans no serviço integral ao idoso. E assim é até hoje, agora exercendo a supervisão geral dos serviços do residencial, que hoje em dia conta com praticamente um funcionário para cada idoso. Além disso, apoia fortemente também a organização do Programa Dança Sênior®, com atuação em todo o país.

“Para mim o Residencial Bethesda sempre foi uma segunda casa, porque desde que me entendo por gente vivo aqui. Até a minha adolescência, considerava os idosos todos meus avós e de fato vários ajudaram a minha mãe de alguma forma no trato com os filhos pequenos, já que ela trabalhava dia e noite. E aí acabou tornando-se também uma missão de vida para mim. Mesmo quando estou fora do trabalho, o envolvimento de alma continua e levo para casa a preocupação com cada pessoa, refletindo se posso fazer algo melhor ou diferente.”



CRISTIANE KRAUSER GILGEN

Acolhimento com liberdade

Moradora mais antiga do Bethesda, Dora vive no residencial há 15 anos e observa uma evolução perceptível ao longo desse tempo: “Joinville chove menos [risos], meus colegas estão ficando cada vez mais longevos, tem muito mais funcionário prestando assistência e mais atividades ocupacionais interessantes para os residentes. Parece uma cidade movimentada aqui”, diverte-se.

A mudança para o residencial de Pirabeiraba foi uma escolha própria, pois Dora, como filha única, desde cedo aprendeu a se virar sozinha. Como não constituiu nova família, permaneceu sempre muito ligada à mãe e, mesmo antes de ela partir, já manifestava seu desejo de viver numa instituição do gênero.

De descendência alemã e suíça, nasceu em Curitiba, mas passou a maior parte da vida em São Paulo, onde começou a pesquisar um lar de idosos que gostasse. Como a mãe era descendente de imigrantes suíços que ajudaram a colonizar Joinville, uma curiosidade especial a atraía para a cidade, pois tinha primos que moravam no local e falavam muito bem. Depois de uma entrevista com os diretores do Bethesda, decidiu que aqui seria o seu lugar, porque, além da filosofia protestante, percebeu um ambiente acolhedor e ao mesmo tempo livre, ideal para quem ainda conta com independência e autonomia.



DORA HERZOG

Independência e doação

Religiosa com formação na Áustria, escreveu sua própria biografia sob o título Trajetórias Inesquecíveis e gravou um CD com suas próprias composições, canções e poesias. Faride é uma das residentes mais antigas e que mais ajuda a Instituição proativamente. A tal ponto que já doou seu automóvel para a casa com o propósito de uso compartilhado. “Afinal de contas, como uso pouco o carro e ele fica muito tempo parado, por que não deixar em usufruto quando a Instituição precisa, não é mesmo?” Vivendo há 12 anos no residencial com absoluta independência, escolheu desapegar-se de sua vida em São Paulo após passar um tempo procurando um lar de idosos para uma amiga e acabou encontrando a sua segunda casa no Bethesda.

Professora e devota do canto coral, compreende a música como fonte de alegria e libertação, tendo ajudado a criar um grupo de canto que já existe há anos no Bethesda. Avalia que a Instituição evoluiu muito desde que chegou, destacando a alimentação, segurança e socialização. Com sua visão crítica, procura sempre apontar as oportunidades de melhoria que acabam beneficiando a todos. “O grande aprendizado de se viver em coletividade é a arte da convivência. Uma lição de aceitação, compreensão e fraternidade diária!”



FARIDE GRANDOLPHO

Qualidade técnica e humana

Enfermeira responsável técnica do Residencial, começou a trabalhar na Instituição em 2011, inaugurando a função na casa, pois até então a equipe era formada apenas por cuidadores e técnicos em enfermagem. Mesmo jovem e recém-formada, Luana aceitou o desafio de implantar novos processos de enfermagem e atender melhor às demandas dos órgãos regulatórios. E teve muito sucesso com o apoio de toda a equipe. Como resultado, passou a profissionalizar mais o atendimento, contando com requisitos de última geração na gestão da saúde, como os procedimentos operacionais padrão (POP), conferência regular de medicação, entre outras medidas, visando incrementar a segurança assistencial dos residentes e a garantia da qualidade na prestação dos serviços.

Atualmente, Luana coordena uma equipe de mais de 40 profissionais, que, além de técnica, agregam boa vontade, empatia, apoio e carinho para os idosos. “Formar e manter uma equipe de alta qualidade é a nossa meta, pois enxergamos cada pessoa de forma única, exigindo um cuidado especial. O tratamento humanístico se sobrepõe e ficamos felizes de perceber que várias pessoas comentam que observam esse clima diferenciado aqui. Todo dia, ao acordar, fico grata pela oportunidade e motivada para dar o meu melhor juntamente com toda a equipe”.



LUANA CORSO CAMILO

Enfermeira

Respeito carinhoso

Técnica em enfermagem e gerontologia, Luana diz que conheceu o trabalho no Residencial Bethesda pelo Programa Dança Sênior®, aceitando vir do Espírito Santo para trabalhar na Instituição, inspirada por Regina Krause. Por ter estudado em colégio interno de tradição luterana, que incorporava na lição o serviço social ao idoso, já tinha boa bagagem, apesar da juventude, e está há 13 anos na casa.

Sobre os aprendizados que já carrega para a vida pela sua experiência na Instituição, diz que “fica o respeito em primeiro lugar, a importância da generosidade para com o outro e o carinho por todos, que não deixam de ser minha segunda família de alguma forma, porque a convivência é muito intensa. A tal ponto que, quando a gente tira férias, depois vários idosos perguntam onde a gente estava, que sentiram a nossa falta. Isso é um retorno espontâneo que move a gente”.



LUANA DIAS DE CARVALHO LAMBERTI

Cuidado e capricho

Colaboradora das mais antigas, com 23 anos de casa, Cida é encarregada da limpeza e dos serviços de hotelaria do Residencial Bethesda, coordenando uma equipe de mais de dez profissionais. “Aqui sinto que é a minha segunda casa, de verdade, porque é onde passo a maior parte da minha vida.” Mesmo depois do expediente, encara uma jornada dupla em alguns dias da semana ao seguir trabalhando na cozinha de um grande restaurante de Pirabeiraba.

“Cuidado e capricho é o nosso lema. Se alguém reclama de alguma coisa, a gente tem que procurar melhorar, porque uma pessoa é sempre diferente da outra e aqui a gente aprende muito a lidar com o ser humano. Meu maior aprendizado aqui é a vivência com todos, porque, quando a gente fica abatido por algum motivo, começa a reclamar da vida e vê esses idosos com força de vontade para viver, é uma grande lição, e aí a gente já se anima.”



MARIA APARECIDA DE LIMA

Espírito eclético e aventureiro

O mais novo morador do residencial, vivendo há poucos meses na casa, é um talento múltiplo. Piloto de avião monomotor por hobby, cirurgião-dentista, geólogo e professor secundário/universitário multidisciplinar, Paulo traz na bagagem um vasto currículo profissional e de aventuras, já tendo ministrado diversas disciplinas, como biologia básica, geologia aplicada à engenharia e histologia, entre outras. Após um aneurisma e seu quarto acidente de avião, recentemente a vida impôs que sossegasse um pouco e para isso encontrou no Bethesda o lugar ideal para receber cuidados sem perder a animação.

Natural de Corupá, graduou-se em Florianópolis e desde a década de 1960 veio morar em Joinville. “Lar perfeito”, resume assim seu sentimento pela curta vivência na Instituição, após morar sozinho por vários anos. “Não me incomodo com roupa lavada, com comida, com curativo, com nada. Aqui é tudo mais fácil para se levar a vida. E ainda tenho a chance de fazer novos amigos. Melhor impossível”, comenta.



PAULO UNGER



***Fé, dedicação,
bondade e
perseverança
são as fundações
de realizações
inimagináveis.***



50 anos

Hospital Bethesda

5 de outubro de 1969



*Panorama da área central de Joazeiro entre 1960 e 1970
Foto cedida pelo Arquivo Histórico de Joazeiro*



Enquanto o homem conquistava a lua em 1969, a comunidade catarinense ganhava mais um hospital. No primeiro caso, um pequeno passo para o homem e um grande salto para a humanidade. No segundo, um grande passo para os idosos que viviam no então chamado asilo, além de uma conquista importante para toda a população da região norte de Joinville e de pequenos municípios próximos, que dependia de deslocamento para o centro da cidade (o que na época era difícil), a fim de obter atendimento médico.



O Hospital Bethesda foi mais um sonho concretizado, fruto de grande empenho de toda a comunidade joinvilense. Apoiada pelo governo estadual, mas principalmente resultado de verba da Alemanha que permitiu o início da construção, a iniciativa visionária do pastor Georg Burger oferecia assistência hospitalar prioritariamente aos necessitados idosos da Instituição, bem como para a população em geral da região, que não contava com nenhuma possibilidade de atendimento médico próximo.

Começou a ser construído em 1962, teve a pedra fundamental lançada em 1963 e foi inaugurado em 5 de outubro de 1969, abrindo suas portas com quartos e centro cirúrgico, além de maternidade. Gisela Burger, formada em enfermagem, merece um tributo especial, pois foi a primeira dirigente do hospital a assumir a coordenação de forma diligente e incansável. Era a enfermeira chefe no cargo, mas na prática fazia de tudo, supervisionando todas as equipes.

Ao longo da história, o hospital superou graves crises financeiras, correndo várias vezes o risco de ter que fechar suas portas, e somente vem sobrevivendo até hoje graças ao esforço conjunto de toda a comunidade, de empresários e dos representantes políticos, completando o repasse de verbas do governo pelo Sistema Único de Saúde (SUS), que cobre somente cerca de 60% dos gastos com base em tabela defasada de custos.



*Rio Cachoeira no final década de 1960
Foto cedida pelo Arquivo Histórico de Joinville*

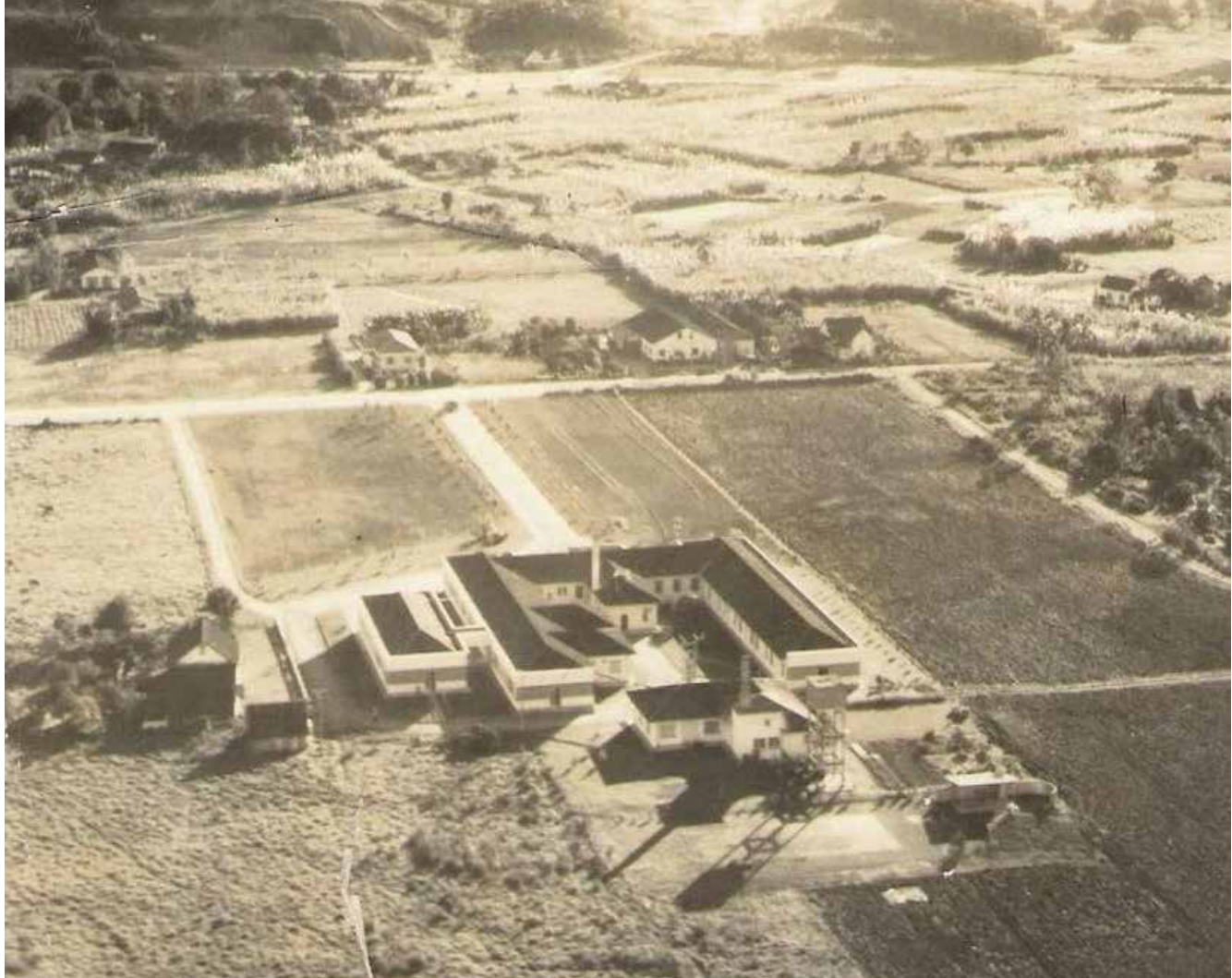
Nos últimos anos, desde 2015, duas fontes extras e espontâneas de doação de recursos vêm mantendo as três unidades hospitalares: o Ambulatório, o Pronto Atendimento e o próprio Hospital. A primeira fonte de verba é a contribuição regular da população pelo desconto automático de pequeno valor na conta de energia elétrica, numa parceria com a Centrais Elétricas de Santa Catarina (Celesc). Os valores arrecadados nesse sistema donativo são aplicados nas despesas fixas de custeio para a operação hospitalar.

Já a contribuição da comunidade adquirindo títulos da Trímania, como um sistema de filantropia premiável, é o que nos últimos anos vem assegurando aporte financeiro significativo e com regularidade, permitindo à Instituição viabilizar constantes benfeitorias em termos de obras estruturais, como ampliações e reformas, além da modernização de equipamentos.

Como resultado, atualmente os números falam por si. O Hospital Bethesda atende em média a mais de 110 mil pacientes por ano, realizando mais de 260 mil procedimentos médicos e ambulatoriais. A população potencialmente atendida vai muito além de Joinville, alcançando cerca de um milhão de pessoas em mais de 20 municípios da região norte catarinense: Araquari, Balneário Barra do Sul, Barra Velha, Campo Alegre, Canoinhas, Corupá, Garuva, Guaramirim, Itaiópolis, Itapoá, Jaraguá do Sul, Mafra, Massaranduba, Monte Castelo, Papanduva, Porto União, Rio Negrinho, São Bento do Sul, São Francisco do Sul, São João do Itaperiú e Schroeder.

*Rua do Príncipe no início da década de 1970
Foto cedida pelo Arquivo Histórico de Joinville*





Vista aérea do Hospital Bethesda na década de 1960



Início da construção do Hospital Bethesda





Ao lado: equipe do Hospital Bethesda na década de 1970, sendo o último à direita o Dr. Carlos Heins Funke

No alto: autoridades presentes na inauguração do Hospital em 5 de outubro de 1969

Acima: início da construção do Hospital



*Marcos Letzner e Anelore Semljanos integravam a
equipe do hospital na década de 1970*



Fachada Hospital Bethesda na década de 1980



Fachada Hospital Bethesda nos anos 2000







*Fachada Pronto Atendimento
Foto Mauro Schlieck*



Fachada Ambulatório

Humanização acima de tudo

Recém-formada em enfermagem em 1969, Gisela foi a primeira enfermeira com formação universitária a atuar na cidade de Joinville e, conseqüentemente, uma das pioneiras na implantação e gestão do Hospital Bethesda. Assumiu como enfermeira chefe em 1970, mas na prática coordenava todo o trabalho das várias equipes operacionais no serviço médico e de infraestrutura em geral, fazendo de tudo um pouco. Entre os inúmeros desafios, o principal era formar mão de obra de auxiliares de enfermagem, pois não existia o curso na época em Santa Catarina.

“Entre a inauguração e o início de fato da operação, tivemos um ano de trabalho imenso, contratando as pessoas, selecionando, treinando, comprando materiais, equipamentos, roupa de cama etc. Mesmo anos depois, continuou sendo um trabalho muito intenso e demandante, sem horário para terminar, pois tinha até maternidade. O começo foi realmente muito difícil. A gente suou sangue para dar conta de tudo o que precisava ser feito, mas valeu”, relembra com brilho nos olhos sua atuação ao longo de duas décadas na Instituição.

Ela recorda que eram poucos os médicos que aceitavam atuar no Bethesda, porque era tudo muito longe, e os poucos que topavam tinham de morar nas imediações. Um dos únicos que aceitaram e conseguiram vencer o desafio foi o Dr. Carlos Heins Funke, clínico geral que veio com a família morar em uma casa cedida pelo pastor Hans Burger em que tinha condições de se fixar com sua família. Gisela destaca que ele foi o primeiro exemplo, entre os vários médicos pioneiros que se doaram muito além do possível.

Reconhece Gisela: “Eu dei toda a energia da minha vida para o serviço no hospital. Saía exausta, esquecia-me de cuidar de mim. Mas foi uma doação consciente, com prazer, amor e muita dedicação. Até que depois de 20 anos resolvi sair de Pirabeiraba, porque adotei um menino na época e precisava me dedicar mais a ele, viver a vida de outra forma”. Ela faz questão de valorizar a lição para a vida que fica: “Que permaneça a essência de bondade e amor ao próximo. Humanização acima de tudo. As novas gerações não podem perder esse ideal”.



GISELA BRIGITTE BURGER

Do campo à construção

Colaborador da Instituição Bethesda por uma vida inteira (nada menos que quase 55 anos!), Amandus começou atuando no então chamado asilo e depois também ajudando na construção do hospital. Trabalhava lavrando a roça, cuidando das vacas leiteiras e das plantações que alimentavam os moradores. Com o tempo, como todos os outros pioneiros, acabava sendo multifunção, fazendo tudo o que estivesse ao seu alcance. Quando o projeto do hospital começou a se tornar realidade, as mãos de Amandus ajudaram a erguer as paredes que até hoje acolhem muita gente. “Era serviço sem fim, mas deixou saudade. Fiz muitos amigos, era uma irmandade”, afirma.

Irmãos à obra

Irmãos que participaram da construção do hospital desde o início, Leopoldo acabou atuando ao longo de 37 anos na Instituição e Leoneto por 34 anos. Leopoldo era o supervisor encarregado da obra do hospital, trabalhando desde o começo do projeto na preparação do terreno. Já Leoneto respondia pela manutenção em geral: era marceneiro, encanador, electricista, pintor, pedreiro e o que mais precisasse ser, tanto no ancianato quanto no hospital.

“Já naquela época nosso objetivo era a prevenção; não deixar as coisas acontecerem para daí consertar. Mediávamos todo dia o oxigênio, a água e o gás para a cozinha. Isso não podia falhar nunca”, relembram com o orgulho de quem sempre se esforçou por um trabalho bem feito.



AMANDUS PABST

SDA



LEOPOLDO KUNDE

LEONETO KUNDE

Aprendendo a viver

Era pedreiro e um amigo lhe disse que precisavam de trabalhadores para construir um hospital em Pirabeiraba. Marcos trabalhou na coordenação da equipe da obra ao longo dos seis anos que levou a construção (entre 1963 e 1969) e recorda que na época tinham 18 funcionários entre pedreiros e serventes.

Marcos conta que uma das lembranças inesquecíveis foi quando enterraram abaixo da porta de entrada do Hospital Bethesda uma caixa preta contendo uma garrafa lacrada como um marco simbólico. O objetivo era eternizar a contribuição de cada um para uma grande obra e, assim, vários colaboradores colocaram seu nome e um dinheirinho ali.

Como um dos aprendizados bacanas que teve na obra, um dos grandes desafios foi a instalação da central térmica, uma caldeiraria para água quente fundamental para a lavação das roupas, que era feita internamente na época. “Deu tudo certo. Foi um sucesso!”, relembra com alegria.

Depois da obra concluída, Marcos continuou mais seis anos, pois resolveu fazer o curso de atendente de enfermagem que era oferecido a qualquer pessoa interessada em aprender para prosseguir trabalhando no hospital, já que esse tipo de mão de obra na época era bem difícil de se conseguir. Foi aí que seu filho Romildo, que fazia a jardinagem do hospital na ocasião, se inspirou para escolher sua futura profissão.

“Foi uma experiência que valeu para a vida. A gente aprendeu a viver, havia muita união, era a nossa segunda casa”, revela Marcos com um eterno olhar de juventude e de quem guarda no fundo do coração uma lembrança boa.



MARCOS LETZNER

Orgulho de participar

Romildo tinha 14 anos quando, além de brincar pelos arredores do hospital recém-inaugurado, começou a trabalhar plantando a grama ao redor da construção, além de ajudar o pai, Marcos, aqui e ali rebocando e pintando paredes. Logo fez o curso de atendente de enfermagem e depois o curso técnico também em enfermagem. Com 15 anos, fazia plantão noturno três vezes por semana no Hospital Bethesda, além de estudar de dia.

Criou gosto pela área da saúde e não parou mais de se qualificar e de evoluir profissionalmente, fazendo várias faculdades, todas concluídas: enfermagem, administração de empresas, fisioterapia e farmácia. Prosseguiu ainda com pós-graduação em farmácia clínica. Hoje, é proprietário de uma farmácia que leva seu nome, além de atender em domicílio como fisioterapeuta especializado em derrame cerebral.

Além de suas atribuições profissionais, Romildo cresceu na carreira com ativa representação em entidades de classe: é vice-presidente setorial da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo de Santa Catarina (Fecomércio-SC), conselheiro do Serviço Social do Comércio (Sesc), diretor tesoureiro da Associação Brasileira do Comércio Farmacêutico de São Paulo (ABCFarma-SP) e presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Produtos Farmacêuticos de Santa Catarina (Sincofarma-SC).

Ainda assim, continua prestando serviços eventuais para os moradores do residencial, nunca perdendo o vínculo de carinho e atenção com a Instituição Bethesda. “A nossa maior alegria como profissional de saúde é conseguir aliviar a dor de alguém. Isso é o que nos move, nos dá sentido e propósito de vida. Temos muito orgulho de ter participado dessa obra que cuida e salva tanta gente. É gratificante.”



ROMILDO LETZNER

Contribuição memorável

Assistente social e advogada, viúva do lendário Dr. Carlos Heins Funke, Ilusca orgulha-se do legado maravilhoso do esposo para a sobrevivência e o avanço do Hospital Bethesda. Dr. Funke, formado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com especialização na Alemanha, foi diretor clínico e o primeiro médico fixo a residir com a família na Instituição, sendo também o primeiro que aguentou o tranco, de 1970 a 1989, diante dos imensos desafios que faziam parte do exercício da medicina para um clínico geral num hospital de pequeno porte naquela época, ainda mais no fim de mundo que Pirabeiraba era na ocasião – muitos médicos chegavam e partiam logo em seguida.

Grandes preocupações, altas responsabilidades, intenso ritmo de trabalho e noites mal dormidas. Ao longo dos 19 anos em que trabalhou na Instituição, Dr. Funke acabou por sobrecarregar seu coração e sofrer um infarto precoce, dada a sua idade – tinha menos de 50 anos –, deixando imensa saudade em toda a família e comunidade.

Testemunha ocular da história, Ilusca avalia o papel do seu marido para a consolidação do Hospital Bethesda: “Eu diria que ele foi uma pedra fundamental para que a Instituição chegasse aonde chegou, considerando sua missão com extrema dedicação para inspirar outros colaboradores a colocar sempre o ser humano em primeiro lugar. Sua luz continua e continuará brilhando para sempre no coração de todos nós como um médico e ser humano exemplar”.

A contribuição do memorável Dr. Funke transcendeu a área médica, e sua atuação na comunidade de Pirabeiraba foi tão expressiva que acabou virando nome de rua, além de nome de escola: Escola Agrícola Municipal Carlos Heins Funke, atualmente considerada a segunda melhor escola pública do ensino fundamental de Santa Catarina.



ILUSCA LEOCADIA HOEVELER FUNKE

União e compaixão

Aos nove anos, Asta já trabalhava como babá para ajudar no sustento da família, pois a mãe ficara viúva com cinco filhos. Atuando há 43 anos na Instituição (atualmente é a colaboradora mais antiga), era estudante do curso técnico em contabilidade quando a aula foi interrompida para o aviso de que o Hospital Bethesda estava abrindo vagas para atendente de enfermagem. Resolveu agarrar a oportunidade que batia à porta, pois enxergou imediata perspectiva de crescimento.

Como era de praxe na época, por falta de cursos especializados na área da saúde, fez a formação no próprio hospital, sob orientação da enfermeira Gisela, com ênfase em pediatria e geriatria. Depois passou um tempo trabalhando na recepção e em 1981 foi convidada para atuar na área de recursos humanos, fazendo formação específica em gestão de pessoas posteriormente.

“Antigamente os desafios para manter o hospital funcionando bem, com tudo em ordem, eram enormes, porque não tinha muita gente trabalhando, mas a gente superava tudo com união. São grandes os aprendizados daquela época que levo para a vida: união e compaixão, olhar as pessoas, procurar entender o outro.”



ASTA KUNZE DA SILVA

INSTITUIÇÃO
BETHESDA®

Segunda família

Filho de Margit, funcionária do hospital que trabalhou na lavanderia por 19 anos, Claudir conta que foi contratado para o seu primeiro e único emprego pela enfermeira Gisela em 1977, com apenas 15 anos, para atuar como apoio no Centro de Material e Esterilização do Centro Cirúrgico. A função envolvia embalar seringa esterilizada (porque não tinha quase nada descartável à época), embalar roupas para cirurgia e distribuí-las em setores, preparar material de curativo, entre outras inúmeras atividades, como atuar na copa, servindo os pacientes.

Um ano depois, Gisela, percebendo o potencial do jovem, convidou-o para aprender os fundamentos de enfermagem e ele fez o curso interno. Em 1982, formou-se como técnico em enfermagem e foi assumindo a liderança de setores, como mais tarde a gerontologia. “Agradeço muito terem confiado em mim e me ajudado a evoluir como ser humano ao longo dos quase 35 anos em que praticamente vivi lá dentro. Foi uma segunda casa para mim, uma segunda família”. Foi lá também, onde muitos dos funcionários plantonistas moravam, que conheceu a esposa, Cida.

Paixão por cuidar

Maria Aparecida entrou em 1980 só com a boa vontade na bagagem, pois “sempre gostei muito de cuidar das pessoas”, diz. Fez o curso de atendente de enfermagem e mais tarde de auxiliar no atendimento aos idosos, maternidade e pediatria. Trabalhava sob a chefia de Claudir, que liderava a gerontologia. Acabaram se apaixonando e casaram-se em 1985 sob as bênçãos de Gisela, que admirava o casal por serem bons profissionais, sem nunca terem deixado a relação amorosa interferir no trabalho. “Claudir sempre foi bastante exigente”, lembra Cida.

Desligou-se do hospital em 1991 por causa do nascimento da segunda filha e depois retornou ao trabalho em 2007, já como técnica em enfermagem, atendendo no antigo Lar Elizabeth aos idosos em estado terminal. Atualmente, está afastada pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) em função de problemas de saúde. “Tudo que aprendi devo à dona Gisela, aos médicos e colegas. Só tenho a agradecer. Ainda hoje carrego um amor muito grande pela profissão, que exige muito carinho e paciência.”



CLAUDIR ERZINGER E MARIA APARECIDA ERZINGER

Gestão com humanização

Com a satisfação de quem está sempre buscando se aperfeiçoar, além de ser formada em gestão hospitalar, Luciane conta com orgulho que está cursando a primeira pós-graduação de hotelaria hospitalar em Santa Catarina, em Blumenau (nas cidades mais próximas, atualmente só existe esse curso em São Paulo ou Curitiba).

Há cinco anos atuando na Instituição Bethesda, diz que trabalhou um bom tempo em comércio e nunca tinha pensado em atuar na área da saúde, até que escolheu ingressar na profissão por acaso, já que havia uma escola próxima de casa que oferecia o curso. Autodidata, estudou por conta própria e passou no vestibular, após 20 anos parada.

“No meio da faculdade, chamou-me a atenção a gestão de resíduos hospitalares, que foi tema do meu trabalho de conclusão de curso. Como o Bethesda estava interessado em implantar esse tipo de gestão, acabei conseguindo estágio no hospital e mais tarde fui convidada para coordenar toda a área de hotelaria da unidade, que inclui as instalações, manutenção, lavanderia, limpeza e higienização.” Sobre os aprendizados na Instituição, destaca: “A humanização, sem dúvida”.



LUCIANE APARECIDA MÜLLER

85 ANOS
**SERVINDO
COM AMOR
AO PRÓXIMO**

Lição de bondade

Contribuindo para a Instituição há mais de quatro décadas, desde o início de 1977, Edonir é também um dos clínicos gerais e obstetras pioneiros do hospital. Pelas suas contas, foram mais de dez mil partos realizados. Entrou como terceiro médico, além de Carlos Funke e João Koerich, morou durante seis meses num quartinho do hospital e mais tarde se mudou para a residência da então enfermeira chefe Gisela, que gentilmente cedeu sua casa nova para o médico se instalar mais confortavelmente.

Entre as realizações incríveis que esse trio viveu, Edonir lembra um fato marcante: “Estava fazendo uma cirurgia cesariana, de madrugada, em que a paciente sofreu descolamento de placenta. Portanto, como perdeu muito sangue, precisava de reposição. Terminado o parto, Funke me substituiu, porque tive de ir atrás de sangue para a paciente. Liguei para os outros hospitais e não consegui. Até que de tanto insistir me indicaram uma moça responsável pelo banco de sangue do Hospital e Maternidade Dona Helena que morava perto da Embraco, no bairro Costa e Silva. Fomos até a casa dela, e ela nos disponibilizou amostra de sangue compatível. Duas horas depois, a situação crítica estava resolvida e sob controle”.

Essa, entre inúmeras outras histórias, daria um filme. Relembrando a experiência, fala do sentimento que fica ao longo dessas quatro décadas: “Desde criança já sabia que seria médico. Escolhi minha profissão desde muito cedo. Sinto que ajudei muita gente e sou grato por isso. Mas o que mais aprendi foi com a bondade das pessoas com que deparei no meio do caminho. Progredi com isso, que me ajudou a ser um médico melhor”.



DR. EDONIR WERLICH

Dr. Ed

Amor à vida

Neta de Rudolf Holz, um dos membros do Conselho Administrativo na década de 1940, Cíntia entrou pela primeira vez em 1979 no hospital para trabalhar como atendente de enfermagem, mas teve de se ausentar logo um ano depois, em função de sua mãe ter passado por uma cirurgia e precisar de um cuidador. Retornando à Instituição em 1981, ficou mais quatro anos, aí saiu de novo e da última vez trabalhou sem interrupções ao longo de 27 anos. Integrando o time de colaboradores que se aposentaram no Bethesda, Cíntia completou ao todo 32 anos de serviço, sendo 23 dedicados ao atendimento na maternidade.

“Aprendi a aplicar injeção e fui aprendendo muito esse tempo todo. Peguei amor pelo trabalho. Lá eu acabei criando outra família, de tão acolhedor que era, porque todo mundo se ajudava. Posso resumir que o principal aprendizado foi amor à vida. Tenho duas filhas, que optaram pela faculdade de enfermagem; acho que acabei passando para elas essa missão de amor”, conta com orgulho.



CÍNTIA HOLZ VEIGA

Gratidão

Funcionária mais antiga da recepção do hospital, Enoêmia trabalha há 21 anos na Instituição Bethesda, sendo bem polivalente: já atuou na farmácia, no faturamento e no financeiro. “Mas o que eu mais gosto mesmo é da recepção”, revela. Quando entrou no setor, só existiam duas recepcionistas, uma de manhã, outra à tarde. Hoje já são oito profissionais, que se revezam nos turnos.

“Sou realizada no que faço, porque realmente gosto de atender às pessoas, de ajudar. O atendimento ao público é um serviço que exige bastante calma, atenção e capacidade de comunicação para entender as necessidades reais dos pacientes e dar o encaminhamento correto”, comenta.

Qual palavra escolheria para resumir sua experiência? “Gratidão, porque, quando entrei, Asta me alertou de que trabalharia também nos fins de semana. Pensei bem e aceitei, pois era perto de casa, poderia ir de bicicleta para o trabalho. Nesse tempo todo, a gente vê tanta coisa, que aprendi muito a levar a vida com mais equilíbrio”.

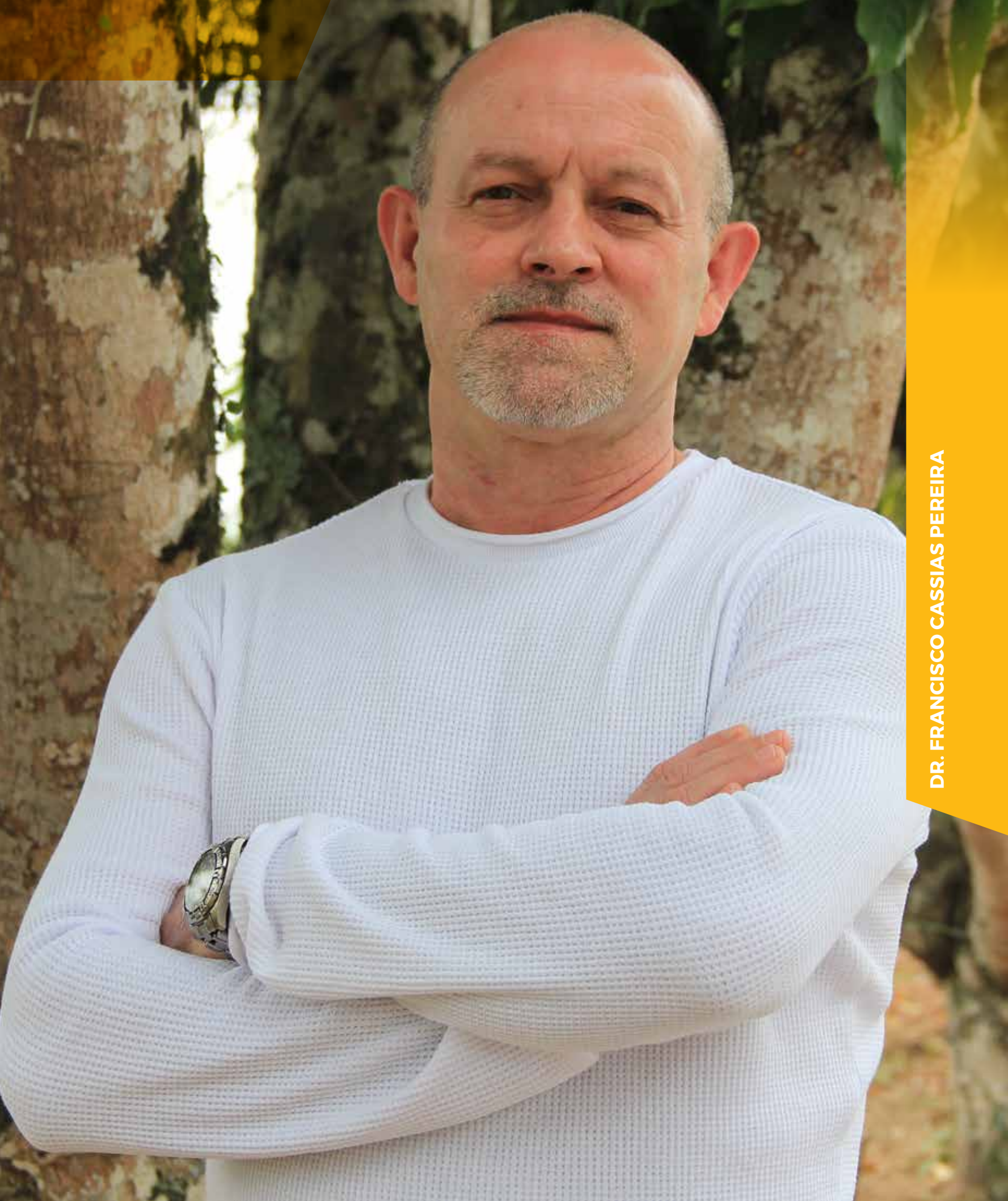


ENOÊMIA MARLES MEWS MAGUERROSKI

Amizade e aprendizado

Amizade e aprendizado intenso na diversidade da medicina. É assim que Francisco resume em poucas palavras sua experiência na Instituição. Clínico geral que atende no Hospital Bethesda desde 1991, ele revela o segredo para lidar com as inúmeras dificuldades que o hospital enfrentava até meados dos anos 2000. “A união das equipes compensava a falta de estrutura. Não havia quase enfermeiros. Era uma dificuldade conseguir anestesistas. Poucos médicos aguentavam o rojão. A gente tinha de se virar com o que tinha e sempre dava um jeito”, lembra com senso de superação e do dever cumprido.

Hoje a medicina está muito mais especializada. E o Bethesda, muito mais estruturado. Valeu a pena? “Muito trabalho, mas sempre vale a pena! Por isso, estamos aqui até hoje.”



DR. FRANCISCO CASSIAS PEREIRA

Voluntariado na veia

Secretária do Conselho Administrativo ao longo de 24 anos seguidos – de 1992 a 2016 –, Iris assumiu a função sucedendo o marido no serviço voluntário que também prestou à Instituição por muitos anos. Personagem reconhecida na região por sua ampla carreira pedagógica e atuação social, foi a primeira professora de português de Pirabeiraba e diretora da Escola de Educação Básica Olavo Bilac por quase 27 anos. Além do apoio administrativo, atuou também no Residencial Bethesda, onde dava aulas de bordado.

“Gostei imensamente de poder contribuir esse tempo todo com o meu trabalho de alguma forma. Escolhi seguir com nosso tradicional apoio familiar secretariando o conselho, tendo como principal atividade a redação das atas, porque gosto muito da língua portuguesa. Acho o português uma língua linda e complexa. Reconheço que não é fácil dominar bem o português.”

Sobre os aprendizados que leva para a vida desse longo período em que contribuiu com a Instituição, ela diz que foram muitos. Amante dos livros, destaca “a objetividade exigida na descrição do trabalho do escrivão, descrevendo as reuniões sem floreios, como a principal característica de uma ata bem feita”. Outra lembrança carinhosa: o atual presidente do Conselho Administrativo, Valmir Brüske, foi seu aluno, o que a deixa orgulhosa por seu legado, de alguma forma.



IRIS EBERHARDT BOLDT

Visão humanística

Eletricista que atua há seis anos na Instituição Bethesda, prestando serviço para as três unidades (residencial de idosos, hospital e centro de educação infantil), Leonor conta que, se depender dele, quer se aposentar aqui, porque está feliz com o que faz, gosta dos colegas e confia nos gestores. “É como uma família. Gosto do ambiente de respeito e da visão humanística que tem aqui, de olhar para as pessoas, de acolher o ser humano. Sinto-me bem fazendo parte disso tudo.”



85 ANOS
**SERVINDO
COM AMOR
AO PRÓXIMO**

LEONOR CANI

Amor ao próximo

Técnica em enfermagem aposentada, atualmente trabalha com o Dr. Franco Haritsch no hospital, fazendo toda a parte administrativa no setor de endoscopia. Mas começou a trabalhar em 1983 no setor de lavanderia, onde atuou três anos antes de passar para atendente de enfermagem. “No começo foi assustador, pois a gente cuidava do bebê recém-nascido e da mãe ao mesmo tempo. Quis voltar correndo para a lavanderia, porque achei muito difícil [risos]. Depois, fui transferida para outras alas que tinham de tudo, de criança a idoso, e aí me adaptei mais facilmente”. Superou-se tanto que nos últimos anos já atuava no centro cirúrgico.

Entre os fatos marcantes, destaca que “a união entre o grupo era incrível. O que precisasse a gente fazia, independentemente de ser da função de cada um ou não, como lavar parede, ir para a cozinha lavar panela, varrer, jardinagem etc. Fazer bondosamente, simplesmente para ajudar a Instituição”. Sobre a lição que fica dessa experiência, Arlete não tem dúvida: “Amor ao próximo. Eu nunca trocaria essa profissão”.



ARLETE ZICKUR

Pioneirismo com união

Clínico geral que acompanha o Hospital Bethesda há nada menos que quatro décadas, João conta que desde recém-formado na Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis, já pensava em desenvolver a carreira no interior. Começou fazendo plantão mensal de fim de semana no Bethesda, em 1974, até que veio cobrir uma das férias do Dr. Funke, fazendo de tudo, 24 horas no ar, desde atendimento básico e cirurgias de apêndice até parto – o que era comum na época em que a medicina não tinha o nível de especialização que tem hoje.

Ex-seminarista, adquiriu a filosofia do servir ao próximo. Ganhou a confiança do exigente Dr. Funke, posteriormente mudando-se com toda a família para Joinville, sendo um dos primeiros médicos a ajudar a Instituição a fazer a diferença. Como um dos pioneiros, João estima que realizou milhares de partos. Como resume essa experiência? “Gratificante. A gente se sente realizado por ajudar a resolver os problemas das pessoas, a despeito de todas as dificuldades enfrentadas.”

Num dos casos típicos, lembra que algumas vezes chegou até a pagar o táxi que levaria um paciente com alta de volta para casa, dadas a absoluta falta de condição do sujeito e a precariedade do transporte público da época. “A gente tinha de resolver tudo, era simplesmente isso. Éramos em dois médicos e quatro enfermeiras. Era uma vida dura, mas era um grupo muito unido, acolhedor. Dá saudade”, conta com a satisfação do dever cumprido.



DR. JOÃO DOMINGOS KOERICH

Dr. João Koerich

Conhecimento e gratidão

Atual enfermeira coordenadora do controle de infecção hospitalar, além de coordenadora da enfermagem do ambulatório e do serviço de endoscopia, Lailah atua há 11 anos na Instituição Bethesda. Sobre o porquê de ter escolhido essa profissão, lembra que tem certa influência do pai, que sempre a estimulou para fazer algo que ajudasse as pessoas.

“Inicialmente pensava em cursar publicidade, mas depois comecei a trabalhar numa farmácia. No começo fiz o curso de auxiliar de enfermagem e como acabei gostando muito dessa área da saúde, fui me especializando. Quando me mudei para Joinville, trouxe meu currículo para o Hospital Bethesda, mesmo sem saber se tinha vaga ou não. Aí a gerente de enfermagem, Michelle, logo depois me chamou para entrevista e acabei sendo escolhida. Comecei como enfermeira assistencial e fui assumindo diversas responsabilidades aos poucos, aprendendo muito, superando os desafios. Sou muito grata ao Bethesda, porque aqui cresci muito como profissional e como pessoa. Conhecimento e gratidão que vou levar para a vida.”



LAILAH EL ACHKAR

85 ANOS
**SERVINDO
COM AMOR
AO PRÓXIMO**

INST
B

Fazer acontecer

Atual diretor técnico do hospital, Lúcio trabalha no Bethesda desde 2015, tendo iniciado como clínico responsável pelas internações. “Cresci junto com a Instituição. Quando entrei, era um hospital de pequeno porte com complexidade idem, mas com grande potencial de crescimento. O que me atraiu e interessou na época foi a possibilidade de ver essa importante obra social crescer e de resgatar a visão antiga mais humanística da medicina.”

Por sorte ou destino, o fato é que a ajuda financeira regular da Trimanía surgiu no mesmo ano em que ele entrou como clínico geral. A partir daí, o hospital começou a ganhar corpo e a se profissionalizar cada vez mais. Em reconhecimento ao seu trabalho, em 2018 Lúcio foi efetivado na direção.

“Aqui a gente consegue fazer acontecer. Num curto período de tempo passamos de uma taxa de ocupação média de 65 para 100%. Assim, ajudamos a dar uma virada na página da história do Hospital Bethesda, fazendo-o voltar a ser reconhecido como um agente importante no sistema de saúde do município e da região. Isso nos orgulha muito, pois estamos participando e contribuindo de alguma forma. Só para se ter uma ideia do que essa evolução representa, em quatro anos passamos de menos de 30 médicos para mais de 120. Ou seja, quadriplicamos a capacidade de atendimento!”

Como isso foi possível de forma tão rápida? Qual é a lição que fica? “Em duas palavras, comprometimento e amor. O hospital só chegou até aqui graças ao envolvimento e compromisso total das equipes. Não me canso de dizer que o Bethesda não é composto da infraestrutura física. A Instituição Bethesda é resultado do corpo dos seus funcionários, desde a equipe da limpeza até a direção. Essa é a nossa diferença que marca a Instituição há 85 anos. Só persistiu e muitas vezes não fechou as portas por causa do comprometimento das pessoas e da comunidade”.



DR. LÚCIO FRANCISCO SLOVINSKI

Nutrição é parte da cura

Há dez anos atuando na cozinha e copa do Hospital Bethesda, Monica começou na lavanderia. Lembra que saiu de licença-maternidade e quando voltou soube da vaga na copa. Candidatou-se e foi aceita na hora. “Atuando na cozinha me identifiquei mais com o serviço, por poder acompanhar mais de perto os pacientes nos quartos, conversar, porque eu sou curiosa e venho aprendendo muito sempre. Acredito que boa parte da cura está na nutrição e é aí que o trabalho da gente faz a diferença, né? Assim como a higiene e a medicação, sem alimentação correta a pessoa não vai para frente.”



MONICA BORBA

Amor por cuidar

O primeiro emprego é sempre muito marcante. Assim é o Bethesda para Maria Cristiana, técnica em enfermagem, que atua há pouco mais de quatro anos no hospital. Começou cuidando dos idosos, depois mudou para o setor clínico atendendo a todas as idades.

“O trabalho é uma necessidade para ajudar no sustento da família, mas gosto muito mesmo de cuidar das pessoas. Às vezes até a gente acaba se esquecendo de nós mesmos em função do outro. Independentemente do amor ao próximo, temos de vestir a camisa em qualquer lugar que a gente trabalhe. Procuro servir bem a Instituição e as pessoas das quais cuidamos.”



85 ANOS
SERVINDO
COM AMOR
AO PRÓXIMO

MARIA CRISTIANA DE OLIVEIRA ADRIANO

Fazendo a diferença

Há 28 anos Odete trabalha no setor de lavanderia do Hospital Bethesda. Durante esse tempo todo, diz que o serviço mudou e evoluiu muito, sendo atualmente a maioria da roupa lavada fora, com empresa terceirizada especializada em lavagem hospitalar e esterilização. Hoje em dia ela conta que acabam lavando internamente mais os panos da manutenção diária das instalações, como da limpeza de chão, de louça, entre outros. Comenta que até hoje adora lavar roupa e que aprendeu muita coisa.

“Quando entrei aqui, vinda da roça, não sabia nada de higiene hospitalar. Aprendi tudo aqui. Hoje tenho essa profissão que me orgulha. Depois que minha chefe saiu, o próprio grupo de colegas me indicou para coordenar o serviço. Fiquei com bastante medo no começo, porque era muita responsabilidade, mas depois deu tudo certo, pois, além de precisar trabalhar, a gente gosta do que faz e o grupo pega junto, é muito bom. Isso faz a diferença na vida da gente para acordar todos os dias e seguir em frente”.



ODETE MORAES DA ROCHA

Marco na vida

Rubens começou a trabalhar como atendente de enfermagem em 1986. “Entrei só com a boa vontade e fiz o curso aqui. Sou apaixonado pela profissão de enfermeiro, acho lindo poder aliviar as pessoas. Arrependo-me de não ter feito o curso de técnico em enfermagem, mas aprendi muito na prática, principalmente na pediatria”, recorda. Ao longo de mais de duas décadas, já fez de tudo no hospital: ajudou na jardinagem, foi auxiliar de cozinha e depois acabou integrando a equipe da lavanderia, onde atua até hoje.

Sobre o sentimento que fica dessa experiência toda, Rubens não tem dúvida: “Gratidão. Porque foi um marco na minha vida. Têve um dia que uma ex-paciente me reconheceu na rua, claro que eu não lembrava [risos], e me agradeceu por eu ter cuidado dela há muitos anos. Pode uma coisa dessas? É demais! Esse é o nosso pagamento que vale a vida”.



RUBENS RUDOLFO SCHULZ

Lição de amor

Técnica em enfermagem atuando há 25 anos no Hospital Bethesda, conta que nunca pensou em trabalhar na área da saúde. Trabalhava como diarista, mas, quando soube da vaga, a necessidade falou mais alto e decidiu vencer o medo e trazer o currículo. Depois da entrevista, foi chamada, apesar de não ter ainda na época formação na área. “Mas por sorte estavam precisando mais era de apoio para a enfermagem, oferecendo o treinamento na prática. Aí superei o medo de sangue e fui em frente.”

Começou cuidando dos idosos, passou pelas emoções da maternidade e pediatria e hoje atende no ambulatório. Com isso, ganhou ampla experiência na área. “No início foi um choque de realidade, não foi fácil. Mas hoje vejo que valeu muito a pena por todo o aprendizado que tive de cuidado com as pessoas. Acabei criando gosto pela função e fiz o curso técnico. A gente com saúde poder ajudar os outros é muito bom. Resumo como uma lição de amor ao próximo.”



MARTA DA ROCHA

Pela humanização

Cirurgião especializado em gastroenterologia, começou a atuar no hospital depois de recém-formado, no fim de 2000, fazendo todo o tipo de atendimento geral, como os demais médicos do corpo clínico da Instituição, que na época estava sem centro cirúrgico.

Entre os altos e baixos que a Instituição Bethesda enfrentou ao longo de sua longa história, Franco participou desde o início do moderno projeto de recuperação e renovação da gestão do hospital que começou a ser empreendido nos últimos anos.

“Identifiquei-me com esse projeto. Gosto de Pirabeiraba e, como tenho raízes na região, sempre encontrei um parente ou outro aqui atendendo no hospital. Assim, sinto-me motivado a contribuir com o meu trabalho da melhor forma possível para a comunidade. Confesso que não encontro nenhum outro hospital com tanta humanização. A busca hoje é o equilíbrio entre humanização e eficiência.”



DR. FRANCO HARITSCHE

Limpeza de alma

Representando a equipe da higienização e limpeza, Rosângela trabalha há quatro anos no Hospital Bethesda. “Mesmo trabalhando na limpeza, procuro conversar com todos os pacientes, principalmente com os idosos e os acompanhantes. Acredito que isso seja uma forma de ajudar na recuperação. A limpeza é fundamental, e ver as pessoas saindo bem daqui é uma verdadeira limpeza de alma para a gente.”



ROSÂNGELA VARGAS

85 ANOS
**SERVINDO
COM AMOR
AO PRÓXIMO**

Aprendizado tamanho família

Como uma das primeiras atendentes de enfermagem do Hospital Bethesda, Ursula lembra que começou a trabalhar ali em 1968, um ano antes da inauguração. Como era comum no início, fazia de tudo. Ajudou a fazer faxina, lavar roupa e cozinhar. Paralelamente, fazia o curso ministrado pela enfermeira Gisela para aprender os fundamentos do auxílio hospitalar. A dedicação foi tanta que aceitou integrar o Conselho Administrativo como vice-tesoureira em uma das gestões na década de 1990.

“Vim da roça, como a maioria dos meus colegas na época. O campo era um serviço muito pesado e, quando o pastor Hans e a dona Gisela bateram à porta da nossa casa convidando para trabalhar no hospital, eu agradei a oportunidade. O Bethesda me ensinou tudo o que precisava para minha família, desde noções de higiene até lições práticas para a vida. Depois que saí, em meados da década de 1970, ainda fiquei muito tempo sonhando com o hospital, porque gostava de trabalhar lá. Era muita união. Aliás, só saí porque depois da segunda e da terceira filha tinha de ficar em casa para cuidar das crianças, o que adoro fazer”.



URSULA HARDT

Crescimento pessoal e profissional

Trabalhando há 15 anos no Bethesda, Michelle atualmente é a gerente de enfermagem do hospital. Foi seu primeiro emprego. Começou como estagiária no residencial, “pois meu sonho sempre foi trabalhar com idosos”, destaca. Após atuar na unidade de internação, conta que o desafio de crescer profissionalmente é um dos principais atrativos da Instituição. Logo depois de um ano já assumiu a função atual.

Como gerente de enfermagem, enfatiza que o principal desafio é a gestão de pessoas. “Lutamos para manter esse espírito de equipe unida, mesmo depois de o hospital ter passado de pequeno para médio porte. Fazemos com que as pessoas entendam a importância da inter-relação de processos para um atendimento humanizado e de excelência técnica.” Se fosse escolher uma palavra para resumir o diferencial da equipe Bethesda? “Trabalhar com amor.”



MICHELLE SCHOLZ MAURICIO

85 ANOS
**SERVINDO
COM AMOR
AO PRÓXIMO**



O legado que os pioneiros deixam para as gerações atuais e futuras, de mais humanidade no atendimento com carinho e atenção, é atualmente uma necessidade diante da moderna medicina, tão instrumentalizada e tecnológica, que muitas vezes acaba esquecendo-se de priorizar o simples ato de olhar no olho do paciente e de ouvir com a alma.



Reconhecimento da Comunidade

Alguns exemplos de agradecimento de pacientes

“Fui internado no dia 12 de setembro no hospital, onde permaneci por 25 dias. Gostaria de deixar o meu agradecimento a todos os profissionais que me atenderam desde o pronto-socorro. Entrei com uma pneumonia e, sendo portador de doença pulmonar obstrutiva crônica (DPOC), o meu quadro era grave. Não foi nada fácil, mas quando se tem Deus no coração tudo se ajeita. Ele colocou verdadeiros anjos no meu caminho. Não sei o nome de todos, mas gostaria muito de agradecer as enfermeiras, técnicos em enfermagem, nutricionista, médicos, as faxineiras e as moças que servem a alimentação. É muito bom saber que ainda existem pessoas que fazem o seu trabalho com amor e dedicação ao próximo. Especialmente ao Dr. Lúcio, que cuidou com muita atenção do meu caso. Um abraço a todos!”

Manoel Ramos Martins - 2018

“Gostaria de registrar meu agradecimento particular e de toda a minha família pelo tratamento dispensado à minha mãe, Tereza J. Zapella Soares, quando do período de internamento nesse hospital. Ficamos todos muito satisfeitos com o tratamento dispensado, por toda a equipe de enfermagem, médicos e auxiliares, bem como toda a administração, pelo carinho demonstrado. Parabéns pelo trabalho e serei por certo mais uma pessoa a propagar o excelente nível desse hospital. Obrigado!”

Antonio César Di Antoni Soares - 2019

***Título de
Capitalização***



trimm

Norte Catarinen

Filantropia Premiável



Negócio com propósito e impacto positivo

Construindo uma economia mais inclusiva e sustentável

Em 2005 nascia a marca Trimania, fruto de um sonho em comum de três amigos visionários, otimistas e determinados, que desenvolveram um modelo de negócio orientado pelo propósito de gerar benefícios para todos, em que as pessoas e o lugar importam.

José Otávio (9/1/1955 – 2/5/2016), advogado, pernambucano, criou com o amigo e investidor José Josivaldo uma empresa gestora de títulos de capitalização com um propósito inusitado na época. A ideia dos dois era enfrentar um desafio até então considerado incompatível no mundo dos negócios: criar um negócio que, além do lucro, ajudasse a mitigar os graves problemas socioeconômicos comuns nas comunidades brasileiras onde atuasse.

Em 2003, após uma experiência bem-sucedida no Nordeste apoiando projetos de atendimento a crianças excepcionais, José Otávio e José Josivaldo compartilharam com o amigo sulista, o publicitário Luiz Alberto do Nascimento, de Joinville, a vontade de replicar esse projeto, dessa vez em Santa Catarina. Luiz prontamente se interessou e criou uma ponte no estado, nascendo então em 2005 a marca Trimania, no início como uma operação em Joinville.



Cerimônia de oficialização do acordo com a Trimania em 2015. Da esq. para dir: vereador Sidney Sabel, secretário da Subprefeitura Distrital de Pirabeiraba; Hilário Dalmann, diretor executivo da Instituição Bethesda; Udo Döhler, prefeito de Joinville; Valmir Brüske, presidente da Instituição Bethesda e José Otávio, diretor da Trimania.

Com o passar do tempo, os gestores perceberam que a grande demanda social de carência de recursos estava na área da saúde, nas instituições filantrópicas que atendiam basicamente pelo SUS. Mas qual entidade ajudar? Em sondagem a Roberto Wuthstrack, contador e economista, que integrava o quadro de consultores da Trimania em Joinville, a resposta foi direta e a indicação foi o Hospital Bethesda: “Instituição seríssima, muito antiga, gerida por pessoas aguerridas, que luta historicamente contra a falta de recursos”, atestou Roberto.

Hoje a Trimania é um título de capitalização da modalidade filantropia premiável que só na região norte catarinense está presente em mais de 25 municípios, contando com mais de 3.500 pontos fixos de venda e vendedores autônomos.

Para a Instituição Bethesda, a Trimania foi a solução que estancou a partir de 2015 o seu déficit operacional crônico (pois o SUS só cobre 60% dos custos dos procedimentos médicos clínicos e ambulatoriais, em média). Ou seja, graças à população que desde então investe regularmente na compra dos títulos de capitalização Trimania Cap Filantropia Premiável, cedendo o direito de resgate, é que a Instituição Bethesda vem conseguindo nos últimos anos não só sobreviver, mas também se modernizar, realizando um atendimento cada vez mais inovador e humanizado, tornando-se cada dia mais importante para a comunidade norte catarinense.

Investir na compra do título de capitalização Trimania Cap Filantropia Premiável e ceder o direito de resgate permitem: fomentar a economia local e redesenhar a realidade da saúde da região, tendo em vista que a Instituição Bethesda também funciona como suporte para os demais hospitais locais; contribuir com o meio ambiente, já que atualmente o Hospital Bethesda é o único filantrópico no Estado de Santa Catarina com sistema fotovoltaico para geração própria de energia elétrica (placas de energia solar) e a implantar uma rede própria de tratamento de esgoto; além de realizar muitos sonhos com a premiação semanal, transformar e salvar vidas!



Ganhador!

Moisés de Lima
Centro/Papanduva

R\$ 500.000,00

Ganhador!

Zenilda Muller Soares
Vila Nova/Mafra

1 TRACKER TURBO 4X2 0KM+R\$ 100 MIL

Ganhador!

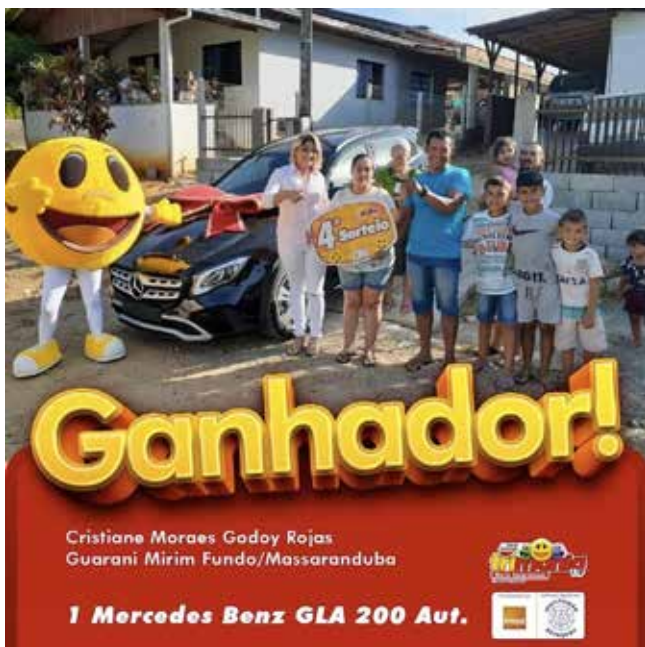
Mara Torres
Itaum/Joinville
um dos ganhadores dos

R\$ 20.000,00

Ganhador!


Tatiane Cristina Cruz
Anita Garibaldi/Joinville
um dos ganhadores dos

R\$ 20.000,00





Grupo de Voluntários
20 anos de compaixão na prática



“Trabalho voluntário não é coisa de gente santa. Não é para quem quer mudar o mundo ou ser bem-visto. Trabalho voluntário é para quem quer mudar a si mesmo e está disposto a aprender por meio do contato com novos mundos. É uma excelente ferramenta de empatia, em que o aprendiz ensina mais que o professor. Voluntariar é transbordar de tanto aprendizado e gratidão, é superar dores e desafios inimagináveis, porque vê na história do outro as bênçãos da própria vida. A nossa maior ligação é humana, feita de respeito e gentileza. Onde existem voluntários, existe a mistura das cores, das classes, das crenças e de passados. A curiosidade pelo outro alimenta a nossa alma, sedenta por sentimentos reais! Voluntariar é doar amor para curar a dor do outro e, sem saber, descobre que esse é o remédio para curar a nossa própria. Em todos esses mundos eu encontrei um olhar de gratidão profundo, desses que desconstroem quem achávamos que éramos e faz renascer quem de fato queremos ser nesse mundo”.

Marcia Quintella
Psicóloga

Integrantes do grupo de Voluntários Bethesda

Cibila Teuber

Elaine Cristiane Pollnow de Lemos

Iris Prochnow Bühnemann

Katia Regina Scholz Dumke

Luzia Gomes Coelho

Margaret Rosenstock Paludo

Maria Elisa Ferrari

Maria Salete Heideker

Marilda Kunde Langebartels

Marly Fernandes Ciqueira

Norma Lütke Erzinger

Romilda Nicolletti

Sandra Rosenstock Voltz

Pastor Tácilo Schneider

Ursula Gilgen

Atualmente são 15 voluntários que atuam em parceria com a Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas (Oase), englobando todas as igrejas de confissão luterana, além de outras religiões – todas bem-vindas.

O grupo já existe há 20 anos com a missão principal de visitar semanalmente pacientes internados no Hospital Bethesda e organizar ações anuais para arrecadar recursos. Hoje em dia, cada integrante recebe capacitação ao longo de um ano, por parte da equipe de apoio psicológico do hospital, com orientações diversas sobre como atuar nas visitas aos internados. Antes de cada visita, há também a prática de uma oração como preparação espiritual para ajudar os enfermos no ato da visitação, de modo a ouvir mais e poder dar algum conforto emocional.

O circuito de visitas tem como ponto alto duas ocasiões especiais no ano: a Páscoa e o Natal, quando são convidados grupos de cantoria para apresentações especiais aos enfermos, além de se ter a entrega de cartão com mensagens inspiradoras, bem como alguma guloseima para degustação.

Com relação à arrecadação de fundos, é realizada uma rifa anual, além de um grande café com desfile de moda. Toda contribuição é bem-vinda, independentemente do valor. Com a verba arrecadada, o grupo já conseguiu ajudar o Hospital Bethesda de várias formas significativas, incluindo troca de portas e aquisição de materiais diversos, como utensílios para cozinha, cortinas, poltronas para acompanhantes, móveis e até aparelhos de televisão para os quartos, além de doação de materiais de primeira necessidade para pessoas carentes, como cobertores, roupas de cama etc.

A contribuição mais recente – resultado do esforço conjunto com a Oase – foi a decoração e o mobiliário da capela, recém-inaugurada em 2018 como fruto de um sonho antigo requisitado pela comunidade: ter no hospital um espaço ecumênico próprio para oração.

“Estamos aqui de passagem. Precisamos nos doar mais e não só pensar em nós mesmos. É muito gratificante quando a gente se propõe a fazer o bem e acaba percebendo que é uma onda multiplicadora que atinge muita gente”, declara Norma.

“Eu me sentiria mal se não fizesse nada, sabendo que tem tanta gente precisando. A gente sai muito feliz, porque as pessoas reconhecem nosso trabalho e se sentem agradecidas. Isso é que nos move”, diz Marilda.





Grupo de voluntários e da Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas (Oase) no dia da inauguração da capela do Hospital Bethesda, em 16 de outubro de 2018



***Que se mantenha o
exercício da bondade
por um único motivo:
fazer o que deve ser feito
para ajudar o próximo.
Que assim seja.***



20 anos

Centro de Educação Infantil

2 de agosto de 1999



*Vista da passarela da
Av. JK em 1999
Foto Lino Sasse*

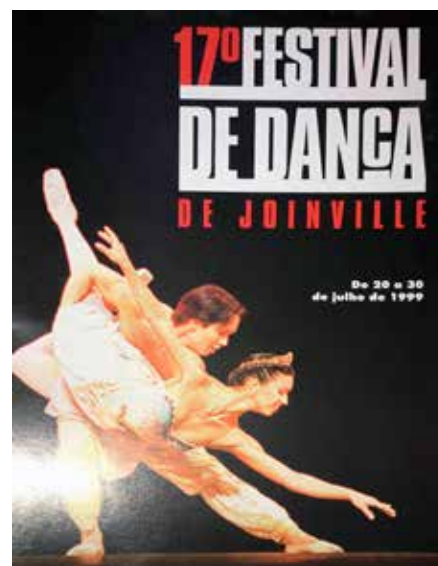




**CENTRO DE
EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Em 1999, logo depois do sucesso de mais uma edição do Festival de Dança de Joinville, pequenos olhinhos brilhavam enquanto os pais dançavam de alegria com a inauguração do Centro de Educação Infantil (CEI) Bethesda. O início foi tímido, acolhendo apenas 13 crianças, incluindo filhos de colaboradores da instituição.

O CEI nasceu de outro sonho antigo dos gestores da Instituição Bethesda: oferecer aos pais da comunidade da região norte de Joinville, bem como aos seus funcionários, uma creche com atendimento de qualidade para as demandas da primeira infância e em local apropriado para crianças de até cinco anos. O objetivo sempre foi contribuir para o desenvolvimento humano integral, com práticas educativas e cuidados básicos, complementando a ação da família. Esse era um serviço até então desassistido para a ampla população de trabalhadores do distrito de Pirabeiraba, responsáveis, entretanto, pela geração do maior produto interno bruto (PIB) do município.



Em 1987, graças a um apoio de verba obtido do governo do estado, foi possível começar a construção da casa, porém os recursos não foram suficientes para a conclusão da obra no mesmo ano, que acabou sendo finalizada dois anos depois com o apoio de amigos da Instituição. Destaca-se a contribuição essencial da senhora Beatrice Meyer (in memoriam), antiga moradora do Residencial Bethesda, que doou recursos financeiros pessoais para essa finalidade.

Em 2 de agosto de 1999, o CEI abriu suas portas acolhendo os primeiros bebês e crianças em período integral ou parcial, contando inicialmente com três funcionárias: uma coordenadora, uma professora e uma auxiliar de serviços gerais. Na prática, todas faziam de tudo um pouco do que era preciso para garantir o funcionamento: desde a limpeza até a preparação das refeições, o cuidado com a higiene das crianças e as atividades lúdico-educativas.

Hoje o CEI Bethesda é uma creche e pré-escola sem fins lucrativos que atende a mais de 100 crianças e conta com aproximadamente 20 funcionários. São mais de 600 metros quadrados, incluindo salas de aula, banheiros com sanitários e lavatórios infantis, área coberta para recreação, refeitório, cozinha, biblioteca e demais dependências, além de pomar com árvores frutíferas e horta pedagógica. Os brinquedos para recreação e atividades físicas foram adquiridos em parceria com o Instituto Carlos Roberto Hansen. Pais, comerciantes locais e toda a comunidade continuam contribuindo para a evolução da unidade, que atualmente também funciona com apoio de convênio da prefeitura de Joinville.





*Centro de Educação Infantil
Fotos Mauro Schlieck*





*Centro de Educação Infantil
Fotos Mauro Schlieck*

Superação e gratidão

Primeira dirigente do CEI, Elke trabalhava na secretaria do Residencial Bethesda quando foi chamada pelo pastor Hans Burger para pensar na possibilidade de montar uma creche, pois ele conhecia sua grande paixão pelas crianças. O local disponível na ocasião era uma casa que funcionava como um depósito de lixo reciclado, o qual precisava ser reformado.

“Então eu comecei a participar desse sonho desde o princípio, da remoção do lixo, da transformação das instalações, como pintar janelas, limpar paredes etc.”, conta com o orgulho de quem na época não queria perder a oportunidade de abraçar a causa, pois estava começando a cursar a faculdade de pedagogia. Era uma forma também de tornar realidade um sonho antigo compartilhado por sua irmã, Regina Krause, responsável pela gestão do já referenciado residencial de idosos.

Especializada em psicopedagogia, Elke acabou atuando por cerca de cinco anos no gerenciamento da unidade, enquanto acumulava as aulas e o cuidado com os pequenos. Após criar as bases para um futuro que se mostrou promissor, passou o bastão mais tarde, para se dedicar à educação dos seus próprios filhos e seguir novos objetivos profissionais.

“Não foi nada fácil o começo. Trabalhamos muito, mas, quando nos dispomos a realizar um chamado de Deus, ganhamos força. É assim que eu vejo. Saí com muita alegria no coração e desprendimento, com a sensação de dever cumprido, de superação total, pois não sabia nada de documentação nem de gestão escolar e vencemos todos os desafios. Não me apeguei, segui meu caminho começando uma nova missão em outro lugar. O sentimento que fica é de gratidão pela confiança.”



ELKE KRAUSE LEME

Foto Andrielle Leme Gehmann

Encontro de vocação

Primeira professora do CEI, Cintia conta que também foi seu primeiro emprego com carteira assinada, após uma experiência em atendimentos sociais realizados na comunidade de Pirabeiraba, incluindo os acabamentos na reforma da casa que Elke e ela ajudaram a fazer para poder agilizar a inauguração do berçário e do maternal. “Estudava de manhã e à tarde ia lá ajudar.” Recorda também que no começo se revezava com Elke para levar as roupas de cama e banho para serem lavadas nas suas próprias casas, pois não havia recursos para terceirização, nem estrutura adequada no local.

Formada em pedagogia, Cintia guarda no coração a lembrança de muitos aprendizados, levando na memória ainda hoje o carinho e a amizade de cada família e colaboradores com que conviveu. “O curioso é que até hoje sonho com as crianças daquela época, que alguma não quis dormir, que outra chorou ou não comeu [risos].”

“O CEI Bethesda foi especialmente importante para mim, porque considero que me tornei professora de fato lá, onde fiquei até 2003, quando me mudei para Curitiba. Foi verdadeiramente meu encontro de vocação profissional, foi a melhor faculdade colocada em prática.”



CINTIA ELISIANE BRÜSKE ALVES

Foto Juliana Gourcia

Transformação em borboleta

Professora atual mais antiga do CEI, o Bethesda foi seu primeiro emprego. Rita lembra que tinha 17 anos em 2004 quando veio fazer um exame no hospital e ficou encantada com o som das crianças brincando ao lado. Estudante de artes visuais, resolveu deixar um currículo e deu certo um ano depois, ao completar 18 anos e abrir uma vaga, quando uma das professoras, Elenice Karnopp, foi convidada para assumir a gestão da unidade.

Lá se vão 14 anos e Rita não pensa em sair, pois além de ser perto da sua casa é um trabalho que continua emocionando-a. “Aqui eu conheço tanta gente e fiz tantos amigos que acabou se tornando minha segunda família. Aprendi tanto, cresci tanto! E continuo aprendendo muito. Sou muito grata pelo convívio com todas essas crianças e por vê-las crescendo. Vejo o CEI como um casulo que virou uma borboleta e não cessa de evoluir. Isso é muito gratificante, porque a gente está estudando cada vez mais e se esforçando sempre mais para fazer um bom trabalho.”



RITA DE CÁSSIA STEDILE EBERHARDT

85 ANOS
SERVINDO
COM AMOR
AO PRÓXIMO

Realização com contribuição social

Gerenciando o CEI desde 2004, Elenice começou a trabalhar como professora da unidade há 16 anos, quando cursava o último ano da faculdade de pedagogia e entrou para a vaga que surgiu com a saída da professora Cintia. Um ano depois, já foi convidada para assumir a gestão da pré-escola.

“Sabemos que temos sempre o que melhorar, mas poder acompanhar de perto tamanha evolução é muito bom. Dá muita satisfação, porque é resultado do esforço de muita gente envolvida. Hoje quando a gente vê uma criança que passou por aqui e já está cursando uma faculdade ou trabalhando, nossa! Bate aquela sensação de que fizemos alguma coisa boa por alguém.”

Para Elenice, o sentido de realização vai além: “Nosso trabalho faz a diferença para o progresso da comunidade, por ajudar os pais a trabalharem tranquilos enquanto têm a segurança de saber que seus filhos estão em um ambiente seguro, amoroso e com oportunidade de aprendizado para que toda a família tenha um futuro melhor, começando pelo estímulo e pela educação na tenra infância”.



ELENICE KRELLING KARNOPP



Rua Conselheiro Pedreira, 624 - Pirabeiraba
Joinville (SC) - CEP: 89239-200
Telefone: (47) 3021-5400

***“Há muitas razões
para duvidar e uma
só para crer.”***

Carlos Drummond de Andrade

Pórtico de Joinville
Foto Lionei Sasse





2020

1ª impressão

Este livro foi publicado pela Editora Areia e impresso pela Gráfica Impressul com as tipografias da família Playfair Display, em **papel Pólen soft 80g/m2 no miolo e papel couchê fosco 300g/m2 na capa.**



www.editoraareia.com.br
editora@editoraareia.com.br